

ANAIIS

19^ºcee

19º Congresso
Estadual de
Espiritismo

O Centro Espírita
no *novo tempo*

São Paulo • 2026
19, 20 e 21 de junho

USE 
UNIAO DAS SOCIEDADES
ESPÍRITAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

SUMÁRIO

Comissão Central / Organizadora e voluntários	3
Apresentação	5
19º Congresso Estadual de Espiritismo	6
Mensagem da presidente da USE, Julia Nezu	13
As conferências	15
O centro espírita que buscamos	17
O centro espírita como agente de transformação social	20
O centro espírita no novo tempo	25
Os desafios familiares na era digital	28
As rodas de conversa	31
O centro espírita que buscamos: ressignificar o centro espírita	32
A Doutrina dos Espíritos e o aspecto religioso no Brasil	34
Educação Espírita Infantil e Mocidade Espírita	36
Qualidade nas reuniões mediúnicas	38
Sustentabilidade financeira e doação consciente	40
Coerência doutrinária: entre o discurso e a prática	42
Atendimento espiritual no século 21	44
Animismo nas reuniões mediúnicas	46
Novos desafios da mediunidade na era digital	48
O uso da tecnologia a serviço da divulgação espírita	50
O centro espírita como espaço inclusivo e plural	52
Inteligência artificial e ética à luz da Doutrina Espírita	54
Espíritos - gênero e sexualidade	56
Desafios do atendimento fraterno pelo diálogo: aspectos gerais e legais. 58	
As contribuições de André Luiz para o centro espírita	60
O engajamento dos jovens nos centros espíritas	62
Momento USE 80 anos	64
1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita	67
Secularismo e novas espiritualidades: desafios para o espiritismo no século 21	68
Filosofia e espiritismo: por que estudar a doutrina e suas correlações com a filosofia tradicional	69
A responsabilidade do comunicador social na divulgação espírita	70
Curso de médiuns on-line: proposta e resultados	71
Inteligência Artificial como geradora da criação de painéis e do estudo espírita	72
A importância da arte para a evolução moral do homem	73
A relevância da <i>Revista Espírita</i> no desenvolvimento do corpus doutrinário do espiritismo	74
A importância da <i>Revista Espírita</i> : uma análise epistemológica	75
As perguntas de Kardec e as respostas dos Espíritos: o que foi mais decisivo para o espiritismo?	76
Avaliação de mensagens mediúnicas	77
Evocações mediúnicas: uma análise empírica intergrupos	78
Desenhos mediúnicos e sua manifestação nas reuniões mediúnicas sérias: um estudo observacional multigrupos	79
A arte no Congresso	80
Congresso em dados	85
Notas	86



Comissão Organizadora do Congresso (parcial)

Comissão Organizadora

Julia Nezu Oliveira - Coordenação Geral

Ângela Maria Bianco

Elisabete Márcia Figueiredo

Cláudio M. Marins

Cleuza Paranhos de Abreu

Edmar Galves de Lima

Esterlita Moreira

José Sílvio Spínola Gaspar

João Thiago de Oliveira Garcia

Luiza Cecília da Silva

Maurício Ferreira Agudo Romão

Mauro Antonio dos Santos

Renata Duarte Alves de Oliveira

Rosana Amado Gaspar

Sidnei Ceobaniuk Zaluchi

Walteno Bento da Silva

Diretora de Eventos

Angela Bianco

Cerimonial

Julia Nezu Oliveira

Equipe de Comunicação e

Mídias

Aparecido José Orlando

Gabriela Gavira

João Thiago de Oliveira Garcia

Maria Clara Chaves Mendes

Sidnei Ceobaniuk Zaluchi

Livraria

Candeia Distribuidora

Comissão de Temas

Allan Kardec Pitta Veloso

Antonio Carlos Amorim

Edmar Galves de Lima

João Thiago de Oliveira Garcia

Julia Nezu Oliveira

Marco Milani

Maurício Ferreira Agudo Romão

Equipe de Vibração/

Sustentação

Cícero Pereira

Inez Bortoloto

Iracema Maria de Sousa

Joel Ferreira

Marilda Maria Volva

Mauro Antonio dos Santos

Norma Bezerra de Figueiredo Santos

Ricardo de Pontes Bezerra

Apresentações Artísticas

Lirálcio Ricci

Assessoria Técnica Audiovisual

Cláudio M. Marins

Inscrições

Cilene Cardoso

Mestres de Cerimônia

Guiomar Santana

Faduli Costa

Fotografia

Aparecido José Orlando

João Thiago de Oliveira Garcia

Maria Clara Chaves Mendes

Anais do Congresso

Aparecido José Orlando (Editor)

Antonio Carlos Amorim

Clodoaldo de Lima Leite

Edmar Galves de Lima

Elisabete Mendonça

João Thiago de Oliveira Garcia

Juliana Bertoldo

Katia Penteado

Luciana dos Santos Freitas

Nilzelí Aparecida Nery Mancini

Norberto Tomasini

Osmar Fantinato

Silvana Aparecida Domingos Corrêa

Suzete Amorim

Voluntários

Adelva Seixas Magro

Adriana Marins

Alessandro Akira Batisteti

Antonio Freire de Abreu

Araken Perez

Carolina Domingues de Oliveira

Deodete Leonardo de Oliveira Prado

Eliana Domingos Lucania

Elza Saorin

Eva Barboza Bugolin

Hector Ryu Takahara Rebello

Jaqueline de Barros Ribeiro

Jéssica Carla Balestreiro

Lívia Loschiavo Noni

Lucas Caetano Gouveia

Lucas Ribeiro Mello

Luiz Antonio Monteiro

Marcia de Jesus Medrado

Marcos Serrasqueiro

Maria Vanusa da Silva Nascimento

Marli Garcia

Mércia Serrasqueiro

Monica Etes Soares

Rosa Helena Branco

Solange Ricardo dos Santos

Sonia Regina Iaia Vespa

Tarsila Henrique da Silva

Verenice Maria das Neves

Valkiria Takahara Rebello

Victor Manoel Ventura Seco

Washington Alves Sodré

Wemerson Julio Ferreira Ricardo

As apresentações dos trabalhos do 1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita foram gravadas por Maurício Brandão e encontram-se no

YouTube. Acesse pelo link:

www.youtube.com/@espiritualidades/videos

As gravações das conferências estão disponibilizadas no canal da USE no *YouTube* (youtube.com/usesp).

Apresentação

Nos dias 19, 20 e 21 de junho de 2026, na APCD Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas, na rua Voluntários da Pátria, 547, na cidade de São Paulo, Capital, foi realizado o 19º Congresso Estadual de Espiritismo, o conhecido Congresso da USE.

Conferências, rodas de conversa, encontros, discussões e análises, incluindo a realização do 1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita apresentaram temas de interesse dos espíritas e do movimento espírita.

O trabalho foi longo e com a dedicação da Comissão Organizadora, os representantes de centros espíritas e órgãos de unificação se fizeram presente mais uma vez, tornando os quase três dias em ambiente para reflexão e análise do espiritismo.

O Congresso também foi o momento do início das comemorações dos 80 anos da USE, que serão finalizadas em 2027. Lembramos que a USE surgiu em um formato original, qual seja, o 1º Congresso Estadual de Espiritismo, realizado de 1º a 5 de junho de 1947. Na oportunidade, 34 teses foram apresentadas, e a vencedora tinha Edgadr Armond como idealizador.

Consideramos que 80 anos de atividades é um marco histórico significativo, no desenvolvimento de sua missão que é promover a união e a unificação das instituições espíritas paulistas visando à difusão e prática do espiritismo com base nas obras de Allan Kardec.

Desde 2020, passamos por um tempo inicialmente de isolamento, e, depois, empregando intensivamente a tecnologia que nos permitiu a realização de reuniões e estudos no formato virtual. O isolamento terminou, bem como a pandemia da Covid-2019. Os centros espíritas voltaram para suas atividades. No entanto, muita coisa mudou: trabalhadores permaneceram isolados, sem retorno às casas espíritas. Novos frequentadores buscaram as casas para consolo e esclarecimento. Outros deixaram de frequentar. Neste contexto, o tema central do Congresso retrata um novo período: **O centro espírita no novo tempo.**

O Congresso foi finalizado com as palavras da presidente, Julia Nezu, e os componentes da Comissão Organizadora no palco, às 12 horas do dia 20 de junho. No entanto, para um grupo significativo de voluntários o trabalho não terminou. Começava a elaboração dos Anais que trazemos para seu conhecimento. Para isto, anotações, transcrições de áudios e vídeos foram utilizadas para, com o apoio da inteligência artificial, chegarmos a estes Anais do 19º Congresso Estadual de Espiritismo. Além de importante material histórico, seu conteúdo vai permitir novas reflexões pelos dirigentes de centros espíritas e órgãos de unificação.

Boa leitura! 



19º Congresso Estadual de Espiritismo

A.J.Orlando

Por duas vezes consecutivas, os últimos Congressos da USE foram realizados em Atibaia. Era a vez do retorno à capital paulista. Nos dias 19 a 21 de junho, as instalações da APCD Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas recebiam os congressistas para o 19º Congresso Estadual de Espiritismo. No programa conferências, rodas de conversa, livraria, momentos artísticos e o 1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita. Além disso, o reencontro de amigos espíritas e as oportunidades de confraternização identificavam a ansiedade em todos que estavam presentes.

Abertura do Congresso

Guiomar Santana, jornalista, locutora da Rádio Boa Nova e TV Mundo Maior e Faduli Costa, ator, locutor e trabalhador do GELC Grupo Espírita Lázara da Conceição, postaram-se na tribuna para dar início ao Congresso, na função de mestres de cerimônia.

Para o momento artístico inicial, foi chamado ao palco Plínio de Oliveira, que durante 30 minutos brindou o público com uma palestra musical, trazendo seus comentários entre uma música e outra.



Mesa de Abertura do Congresso

Instituições representadas

Luiz Amaro, diretor-geral da Aliança Espírita Evangélica;

Sandra Oliva, vice-presidente da União Fraternal dos Discípulos de Jesus;

A. J. Orlando, ex-presidente e editor da revista Dirigente Espírita da USE;

Sérgio Ruys Piovesan, diretor da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém;

Clodoaldo Lima Leite, presidente da Rebrates Rede Brasileira do Terceiro Setor;

Marília de Castro, diretora da Rebrates

Adair Ribeiro Júnior, curador do Museu AKOL Allan Kardec Online, depositário dos manuscritos originais de Allan Kardec;

Izabel Vitusso, diretora e editora do jornal Correio Fraterno;

Pedro Bauduin Nakano, presidente do Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo Eduardo Carvalho Monteiro;

Andrea Rejane dos Santos, presidente do Instituto Espírita de Educação;

Eduardo Miyashiro, diretor da Aliança Espírita Evangélica;

Ivana Raisky, ex-presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás e diretor do Conecta Espiritismo;

Luiz Saegusa, diretor da editora Interlittera e presidente do Conecta Espiritismo;

Roberto Watanabe, ex-presidente e atual presidente do Conselho Deliberativo da Feesp;

Ivan René Franzolim, presidente da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado de São Paulo;

Astrid Sayegh, presidente do Instituto Espírita de Estudos Filosóficos e

Wilson Garcia, jornalista, gestor do blog Expediente-on-line e ex-editor do jornal Dirigente Espírita da USE.



Heloísa Pires fazendo a prece de abertura

Composição da mesa

Após a apresentação de Plínio de Oliveira, foi formada a mesa oficial do Congresso com Julia Nezu Oliveira, presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo; André Henrique Siqueira, diretor da Federação Espírita Brasileira, representando o presidente Jorge Godinho Barreto Nery; Antonio Nascimento, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Edmar Galves, presidente da USE Regional de São Paulo, representando os órgãos de unificação da USE; Roberto Magalhães, presidente da Feesp Federação Espírita do Estado de São Paulo, representando as instituições inicialmente patrocinadoras da USE e o GEP Grupo Espírita Paulista, formado pela Feesp, Aliança Espírita Evangélica, Feesp, União Fraternal dos Discípulos de Jesus e USE e Rossandro Klinjey.

Após a prece inicial proferida por

Heloísa Pires, houve a execução do Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, os componentes da mesa oficial fizeram uso da palavra saudando a todos os congressistas. Julia Nezu fez o seu pronunciamento abrindo o Congresso.

Conferência da abertura

Rossandro Klinjey, de Campina Grande, PB, psicólogo clínico, escritor, professor e palestrante, mestre em saúde coletiva, doutor em psicanálise, fundador do Instituto Pleno Ser e da Educa, uma iniciativa voltada para a educação socioemocional, abordou o tema ***O centro espírita que buscamos.***

A prece de encerramento do primeiro dia ficou a cargo do 2º vice-presidente da USE, Walteno Bento da Silva.

Segundo dia

Liralcio Ricci, diretor do departamento de Arte da USE, coordenou o momento artístico do dia 20, conduzindo uma harmonização musical.

Para a segunda conferência do Congresso, foi convidado Cosme Massi com o desenvolvimento do tema ***O centro espírita como agente de transformação social.*** Marco Milani, diretor do departamento de Doutrina da USE, Esterlita Moreira, segunda-secretária da Diretoria Executiva e Liamara Nascimento, diretora da Federação Espírita do Rio Grande do Sul fizeram parte da mesa recebendo Cosme Massi.

Cosme Massi é educador, filósofo, conferencista e escritor, com mais de 30 anos de atuação na divulgação do pensamento de Allan Kardec no Brasil e no exterior. Doutor e mestre em Lógica e Filosofia da Ciência pela UNICAMP, é graduado em Física pela UFRJ e possui ampla experiência em epistemologia, ética, aprendizagem e avaliação educacional. Atualmente, preside o Conselho da HOPER Educação.

Rodas de conversa

Foram 16 as rodas de conversa realizadas



Marco Milani no 1º EnCPE

em três sessões: das 9h às 10h30; das 11h às 12h30; das 14h às 15h30 e das 16h às 17h30. As sínteses das rodas encontram-se nestes Anais do Congresso.

No mesmo período, foram apresentados 12 trabalhos no 1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita, coordenado por Alexandre Fontes da Fonseca, da Assessoria de Ciência e Pesquisa Espírita da Diretoria Executiva da USE.

Peça teatral

Ao final da tarde do segundo dia, a partir das 18 horas, a programação cultural apresentou a peça “É agora... ou nunca - A comédia”, encenada pelo grupo Rama Kriya. O texto foi escrito por Lucimar Viana, com direção de Lucienne Cunha e atuação do elenco formado por Rodrigo Giacomini e Lucy Portela.

Terceira conferência

Com início às 19h, a mesa constituída pelo

1º vice-presidente Maurício Romão, e pela secretária-geral da USE, Renata Duarte, recebeu o terceiro conferencista do Congresso, Alexandre Moreira-Almeida, que apresentou o tema *O centro espírita como espaço de saúde mental e emocional*.

Alexandre Moreira de Almeida é professor titular de Psiquiatria da Universidade Federal de Juiz de Fora e fundador e diretor do Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde — NUPES. Doutor em psiquiatria pela USP e pós-doutor pela Duke University, é referência internacional nos estudos sobre espiritualidade, saúde mental, experiências espirituais e relação mente-cérebro. Foi coordenador da Seção de Espiritualidade da Associação Mundial de Psiquiatria e, em 2025, recebeu o prêmio Oskar Pfister da Associação Americana de Psiquiatria, principal reconhecimento internacional na área de psiquiatria e espiritualidade.

O Congresso no sábado foi encerrado com a prece de Renata Duarte, secretária-ge-



ral da Diretoria Executiva da USE.

Terceiro dia

No último dia do Congresso, aconteceram as conferências de Cesar Perri e Alberto Almeida, o lançamento das comemorações dos 80 anos da USE e a apresentação do Coral João Cabete.

O centro espírita no novo tempo

Walteno Bento da Silva fez a prece inicial deste terceiro dia e em conjunto com Elisabete Márcia Figueiredo, primeira-tesoureira da USE, receberam o quarto conferencista, Antonio Cesar Perri de Carvalho, que apresentou o tema central do Congresso,

O centro espírita no novo tempo.

Cesar Perri foi fundador de mocidade e de centro espírita, dirigente de órgãos regionais de unificação, em Araçatuba, interior do estado SP. Foi vice-presidente e presidente da USE; diretor, vice-presidente, presidente interino e presidente da FEB; membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional. Atuou em centros espíritas

de Brasília e de São Paulo. Reside na Capital paulista, onde colabora com instituições espíritas. Autor e organizador de mais de 30 livros espíritas. Antigo articulista da Revista Internacional de Espiritismo e de várias revistas digitais. Completou 54 anos de atividades espíritas.

É professor titular, pós-doutorado, aposentado da Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde foi pró-reitor de graduação; pesquisador associado do NUPES da USP; atuou no INEP-Ministério da Educação e como um dos coordenadores do Acordo de Cooperação Técnica ABENO/OPAS/Ministério da Saúde; foi presidente da Associação Brasileira de Ensino Odontológico e docente temporário de várias universidades; autor de artigos científicos e de livros profissionais.

Momento USE 80 anos

Para realizar o lançamento das comemorações dos 80 anos da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, os ex-presidentes da USE, Antonio Cesar Perri de



Congressistas no 19º Congresso Estadual de Espiritismo

Carvalho, Aparecido José Orlando, Rosana Amado Gaspar, e a atual presidente, Julia Nezu, participaram de painel com foco na história, nos objetivos, na constituição e no futuro da entidade federativa estadual.

A última conferência

Antonio Carlos Amorim, da USE Distrital do Ibirapuera, e Allan Kardec Pitta Veloso, da USE Intermunicipal de Itanhaém, Angela Bianco, da USE Distrital de Pinheiros e Rosana Gaspar, da USE Distrital do Brás e Cláudio Marins, do Instituto Espírita de Educação, e representando todos os demais membros da organização do Congresso receberam os agradecimentos da Diretoria Executiva, que presentes no palco do Congresso, receberam o último conferencista.

Alberto Almeida é médico homeopata, formado em TVP, dinâmica de grupos e constelação familiar, psicologia transpessoal, energética do psiquismo, palestrante, e escritor. O tema de encerramento do congresso foi *Os desafios familiares na era digital*.

Coral João Cabete

Em mais um momento de arte, o início das atividades no último dia do Congresso teve participação do Coral João Cabete, da USE, sob a regência do maestro André Poeta Lopes. Criado para simbolizar a união institucional da USE, o coral funciona reunindo em ocasiões especiais integrantes de diversos corais para demonstrar a harmonia entre diferentes frentes do movimento. Para esta apresentação de encerramento, o grupo reuniu cerca de 80 coralistas vinculados a nove agrupamentos vocais do estado de São Paulo.

Encerramento

No encerramento, Julia Nezu convidou os componentes da Comissão Organizadora a se reunirem no palco do Congresso e fez os agradecimentos a todos os envolvidos, aos conferencistas, participantes das rodas de conversa e do 1º EnCPE, bem como os artistas que se apresentaram no 19º Congresso Estadual de Espiritismo.

A prece de encerramento foi feita por Jean Rodrigo, da USE Regional de Franca. ☸



Alberto Almeida, Cláudio Marins, Allan Kardec Pitta Veloso, Rosana Amado Gaspar, Angela Bianco e Antonio Carlos Amorim

gresso
al de
mo

USE

UNIÃO DAS SOCIEDADES
ESPÍRITAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Esp
em



Mensagem da presidente da USE , Julia Nezu, na abertura do Congresso

Estimado diretor da FEB Federação Espírita Brasileira, André Henrique Siqueira; caro amigo presidente da Fergs Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Antonio Nascimento; querido presidente da USE Regional de São Paulo, Edmar Galves; nobre presidente da Feesp Federação Espírita do Estado de São Paulo, Roberto Magalhães; amigo e irmão de ideal espírita Rossandro Klinjey, conferencista desta abertura do Congresso.

Damos as boas-vindas, aos nossos convidados, representantes de instituições espíritas, aos dirigentes dos órgãos da USE de regionais e órgãos locais, os dirigentes de casas espíritas, que muito nos honram com as suas presenças. Também, agradecer aos conferencistas, mediadores e debatedores das rodas de conversa.

Inicialmente evocamos a memória e a coragem dos dirigentes de 551 instituições espíritas que, em 5 de junho de 1947, fundaram a USE para transformar a fragmentação do movimento espírita de então. É essencial reconhecer que este evento é o fruto direto do trabalho de pioneiros, verdadeiros Bandeirantes do Espiritismo, que escolheram a solidariedade e a fraternidade como bases para a difusão da doutrina em nosso estado.

*** A força da rede USE e a identidade coletiva:** a USE não é uma entidade isolada ou um centro espírita comum, mas sim um sistema de rede estadual que une mais de 1.300 instituições. Que tem por lema A USE somos todos nós, pois a força da nossa organização reside na união de cada órgão local e na preservação da autonomia de cada casa unida, que juntas formam uma rede de suporte inquebrável.

*** Fidelidade a Kardec e o compromisso com o estudo:** A USE tem o compromisso absoluto com as obras de Allan Kardec como o alicerce de todas as nossas atividades. O sucesso de campanhas fundamentais como a Comece pelo Começo, que há 50 anos incentiva o estudo sério, perseverante e aprofundado, garantindo que a divulgação doutrinária permaneça fiel às bases originais e segura contra práticas estranhas ao Espiritismo.

*** Valorização da família e da juventude:** A USE valoriza o papel central da família como base da sociedade e da regeneração planetária e por isso realizamos campanhas permanentes do Melhor é Viver em Família e Evangelho no Lar e no Coração como ferramentas essenciais para fortalecer os laços de afeto e higienizar o ambiente doméstico. Nossas boas-vindas especiais aos jovens das mocidades do nosso estado que participam desse congresso, destacando que sua presença vibrante é fundamental para a renovação das lideranças e para o movimento.

*** Conclamação ao trabalho e união:** Conclamamos todos à ação e à reflexão profunda, lembrando que o objetivo deste congresso é promover a evolução do ser através da consciência e do livre-arbítrio. Celebremos estes 80 anos de história com a alegria de servir na vinha do Senhor, fortalecendo a união e o movimento para que o Espiritismo no estado de São Paulo continue a crescer com segurança, coerência e trabalho.

Estejamos juntos na construção de novo centro espírita nesse novo tempo que já começou. Feliz congresso! Gratidão pela presença! ☀



São mais de **1.300 instituições espíritas** unidas, em seus **138 órgãos** de unificação, que fazem da USE a entidade federativa, coordenadora e representativa do Movimento Espírita Paulista no Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira (CFN-FEB).



**A USE
SOMOS
TODOS
NÓS**



USE **UNIÃO DAS SOCIEDADES
ESPÍRITAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Saiba mais em www.usesp.org.br

Entre em contato pelo whatsapp (11) 9 1658 7575 ou e-mail use@usesp.org.br

Atualize seu cadastro e fique por dentro dos eventos, cursos, seminários e outras atividades promovidas pela USE

Foto: Sissy Eiko



As conferências

O tema central do 19º Congresso Estadual de Espiritismo, *O centro espírita no novo tempo*, foi desenvolvido em conferência de Antonio Cesar Perri de Carvalho, no último dia, 21 de junho. Além desta conferência, outras quatro foram realizadas: Rossandro Klinjey com o tema *O centro espírita que buscamos*; Cosme Massi, *O centro espírita como agente de transformação social*; Alberto Almeida encerrou o Congresso apresentando o tema *Os desafios familiares na era digital*. No sábado, dia 20 de junho, Alexander Moreira-Almeida fez a conferência *O Centro Espírita como espaço de saúde mental e emocional*, tendo solicitado que não fosse feita a sua gravação.



USE 
UNIÃO DAS SOCIEDADES
ESPÍRITAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

19º cee 19º Congresso
Estadual de
Espiritismo

Conferência

O centro espírita que buscamos

A conferência de abertura do 19º Congresso Espírita do Estado de São Paulo coube ao psicólogo clínico Rossandro Klinjey, que tomou o próprio tema do encontro para formular uma incômoda pergunta: a casa espírita ainda é, de fato, uma casa? Fundador do Instituto Pleno Ser e da Educa, iniciativa voltada à educação socioemocional, Rossandro advertiu desde o início que falaria com franqueza — “com muito amor no coração”, mas sem contornar aquilo que en-

xerga como um esvaziamento em curso nas instituições espíritas.

Entre o não lugar e a casa

O ponto de partida foi uma observação sobre a vida contemporânea. Recorrendo ao conceito de “não lugar”, que atribuiu a um pensador francês, o conferencista descreveu aeroportos e hotéis como espaços de passagem: ambientes por onde muitas pessoas circulam sem que nenhuma delas estabeleça vínculo. Ao lado deles, situou o chamado “terceiro lugar” — praças,

calçadas, espaços de convivência que, segundo observou, perdem terreno na sociedade, sobretudo pelo avanço das redes sociais. A casa espírita, argumentou, não deve ser nem uma coisa nem outra: precisa ser mais do que um terceiro lugar, porque o próprio nome já lhe atribui a dimensão de lar. O risco, alertou, é que a instituição se converta em aeroporto — lugar onde a pessoa entra, assiste e sai, sem que ninguém saiba seu nome ou perceba sua ausência.

Amai-vos, e só depois instruí-vos

Do diagnóstico decorreu a tese central da noite. Para Klinjey, a casa espírita “tem que primeiro ter dimensão de casa e só depois de escola”, e a ordem não é arbitrária: Kardec, lembrou, disse aos espíritas “amai-vos” antes de dizer “instruí-vos”. A instrução não é descartável — é importante para a evolução do Espírito —, mas vem como consequência do vínculo, e não como sua substituta. O argumento se apoiou numa constatação sobre a memória afetiva: diante da perda de um pai ou de uma mãe, sustentou, ninguém se lembra do que foi ensinado, e sim do que foi vivido — o café quente, o chimarrão no frio, a mão sobre a testa febril, alguém

que consolou o fim de um namoro. “O que faz você evoluir são os sentimentos”, resumiu, ao defender que a experiência emocional, e não o acúmulo teórico, é o que fixa o aprendizado moral.

Do frequentador ao aluno matriculado

A crítica se estendeu à burocratização das casas. O conferencista relatou ter chegado a uma instituição onde lhe informaram, com orgulho, que o curso para dar passe durava quatro anos, e contrapôs a própria experiência, em que a mesma tarefa lhe foi confiada em quinze dias. Perguntou em que momento se estabeleceu que estender a mão exigiria formação tão longa e observou que, nesse arranjo, o frequentador deixa de ser frequentador para tornar-se “um aluno matriculado numa escola tão fria como uma universidade de Ead”. Lembrou que, em outros tempos, as pessoas permaneciam mais de uma hora após o fim das reuniões, conversando dentro da instituição porque não queriam ir embora. Enquanto o mundo acadêmico encurta seus cursos, notou, o movimento espírita os alonga.

A pessoa que é vista

O que sustentava aque-

la permanência, segundo o conferencista, era a sensação de ser enxergado. Ele recuperou a imagem da Casa do Caminho, primeira instituição do Evangelho, como o lugar em que a pessoa era vista não por sua contribuição, sua cultura ou sua oratória. Daí a defesa de que uma fala simples, sem domínio técnico, mas atravessada por amor, cumpre a finalidade da casa tanto quanto uma exposição eloquente. Na prática, isso se traduz em gestos concretos: saber o nome de quem frequenta, notar a falta de quem não veio, telefonar, perguntar pelo filho, oferecer ajuda. “Amai-vos é conexão”, sintetizou, ao lembrar que Chico Xavier é respeitado inclusive por não espíritas menos pelas obras que assinou do que pelo homem que foi: alguém que consolava, acolhia e mantinha a porta aberta.

O espaço que falta aos jovens

Um dos alertas mais insistentes recaiu sobre a composição etária do movimento. Klinjey observou que, em congressos como aquele, menos de 5% dos presentes têm menos de 50 anos, e projetou a pergunta para o futuro: haverá movimento espírita brasileiro daqui a cinquenta anos, ou

se repetirá o esvaziamento que atribuiu ao movimento francês? Recusou-se a terceirizar a explicação para a transição planetária ou para a falta de leitura das novas gerações. A questão, defendeu, começa antes da casa espírita, dentro dos lares: perguntou que espaço se dá para que o próprio filho se sinta espírita em casa e criticou reuniões de Evangelho no Lar reduzidas a leituras protocolares, desconectadas das angústias reais de quem está à mesa. Recordou a própria juventude espírita — o teatro, a arte, o lugar de fala — como experiência decisiva para sua permanência na doutrina.

A política, o ego e as redes

Rossandro Klinjey dedicou um trecho à fragmentação interna. “Veja o que

fez a política nos centros espíritas: rachou, dividiu, destruiu”, afirmou, ao defender que a bandeira do movimento seja o Cristo, e não posições partidárias — de um lado ou de outro do espectro. Convidou os presentes a examinar as próprias redes sociais como termômetro moral, evocando a oração atribuída a São Francisco de Assis: a de alguém que pede para ser instrumento da paz e levar amor onde há ódio. Também recorreu ao salmo de Davi — “sonda-me, Senhor” — para sustentar que ninguém é intérprete confiável de si mesmo, porque carrega traumas, vieses e ilusões que servem para fugir à responsabilidade da transformação.

Recuperar o que já se teve
No encerramento, o confe-

rencista situou a crise atual menos como fenômeno planetário do que como crise de consciência, recorrendo à imagem evangélica do vinho novo que rompe os odres velhos para explicar as rupturas em curso. A casa que propôs reunia três naturezas simultâneas: oficina, escola e hospital de almas. E a diretriz que dela extraiu foi menos uma inovação do que um retorno — “não se trata de construir algo que nós não conhecemos; é recuperar apenas o que nós já tivemos”. O objetivo, concluiu, é que a pessoa saia da casa espírita com a sensação de ter sido ouvida, acolhida e vista, e não apenas instruída. Fez questão de registrar que tudo o que apresentara estava no Evangelho e em Kardec: “não citei nem Freud, nem Jung”. ☀



Conferência

O centro espírita como agente de transformação social

A conferência de Cosme Massi, filósofo com formação em física e estudioso da obra de Allan Kardec, mostrou desde o início um percurso em quatro etapas: mostrar o que Kardec propõe como necessário e suficiente para a transformação social; demonstrar que essa proposta não é utopia; indicar como colocá-la em execução; e definir o papel do centro espírita nesse processo. Cosme Massi fez questão de advertir que não pedia adesão à sua palavra, mas acompanhamento do texto: “eu não quero que vocês acreditem naquilo que eu falo”, disse, ao convidar o público a conferir as referências diretamente nas obras.

Fora da caridade não há salvação

O eixo da exposição foi a fórmula kardequiana segundo a qual, *Fora da caridade, não há salvação*. Ao considerar o estado atual da sociedade, observou acompanhando Kardec, é tentador tratar sua transformação como milagre — mas o milagre “pode e deve realizar-se”, desde que mediante essa palavra de ordem. Não há, portanto, caminho exterior: “a caridade bem ordenada começa por si e tudo se modificará”. O ponto decisivo foi delimitar o conceito. A caridade espírita sustentou, não se reduz à beneficência nem à assistência social. Amparado na questão

O Centro Espirita
no novo tempo



19º Congresso
Estadual de
Espiritismo

USE
UNião das Sociedades
Espíritas do Estado
de São Paulo

19ºcee
19º Congresso
Estadual de
Espiritismo

O Centro Espirita
no novo tempo



873 de *O livro dos espíritos*, lembrou que ela é a síntese de todas as virtudes e que há caridade sempre que existe resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores — vencer o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ciúme e o ódio já é trabalho de caridade, cuja sublimidade, acrescentam os Espíritos, está no sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo. Massi observou ainda que Kardec escolheu escrever “fora da caridade”, e não “fora do amor”: o amor incondicional proposto pelo Cristo é a meta, mas o caminho até ele é o esforço diário do amor em ação.

Porque a proposta não é utopia

A segunda parte enfrentou a objeção previsível — a de que se trataria de um belo sonho, já que o homem seria egoísta por natureza. O conferencista respondeu em dois movimentos. Primeiro, pelo efeito: se a caridade substituisse o egoísmo, todas as instituições sociais se fundariam sobre a solidariedade e a reciprocidade, e o forte protegeria o fraco em vez de explorá-lo. Depois, pelo fundamento. Antecipando a acusação de argumento de autoridade, sustentou que invocar Jesus não é apelar a um nome, mas a

uma lei: na ciência espírita, construída a partir da observação dos fenômenos, os Espíritos puros ou perfeitos ocupam o nível mais alto da escala, e seu pensamento reflete a lei natural. Se Jesus propôs o amor como única solução, argumentou, estava apresentando a lei de Deus — e não uma opinião. Citou, nesse ponto, a mensagem do Espírito de Verdade publicada na Revista Espírita de 1864: “vim por ordem de Deus trazer a palavra de Deus aos homens”. A humanidade, concluiu, já tentou saídas na política, na sociologia e na filosofia sem sair do lugar, porque ainda não experimentou a única solução possível.

A crença que sustenta o esforço

Restava a questão que Kardec deixa em aberto: como fazer com que a caridade seja aceita. A resposta apresentada foi direta — o fundamento da caridade é a crença; a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo leva ao egoísmo. Daí a insistência do conferencista em que o discurso ético-moral, sozinho, não transforma ninguém: a ética filosófica é anterior ao Cristo, e mesmo a moral trazida por Jesus não bastou. Sem a certeza

de ser uma alma imortal, argumentou, o indivíduo não encontra motivo para enfrentar diariamente as próprias paixões, e é por isso que há espíritas que temem a morte, se desesperam diante da doença ou vacilam ante uma crise. Uma crença construída apenas sobre discurso, disse, não resiste — falta-lhe aquilo que toda ciência natural exige: a experiência.

Estudar Kardec, viver Kardec

A quarta parte tratou da execução. O caminho apontado não foi a leitura isolada, nem a assistência a palestras, mas a prática daquilo que as obras propõem. Massi lembrou que Kardec, no catálogo racional publicado em março de 1869, indica como fundamentais quatro obras — *O que é o espiritismo*, *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns* e a *Revista Espírita* — e observou que é na Revista que o Espiritismo aparece acontecendo na prática. Deteve-se, então, sobre a evocação. Retomando a questão 495 de *O livro dos espíritos*, em que Santo Agostinho e São Luís convidam à evocação do anjo guardião, e o item 182 de *O livro dos médiuns*, sustentou que “todos somos médiuns” no sentido am-

plo da interação pelo pensamento, ainda que nem todos o sejam no sentido usual e orgânico do termo. Lembrou que o título original da obra remete a um guia dos médiuns e dos evocadores, e que Kardec lhe dedica capítulo específico, com orientações de segurança: evocar cria um vínculo de autoridade entre quem chama e quem atende, enquanto não evocar equivale a “deixar a porta aberta para qualquer um”. Contrariando o senso comum, é a comunicação espontânea, e não a evocação orientada, que Kardec aponta como mais arriscada.

O “Espiritismo sem Espíritos”

O tom mais crítico veio no encerramento. O conferencista relatou encontrar, em sua circulação pelo país, médiuns que jamais conversaram com o próprio anjo guardião e pessoas que, ao perder entes queridos, correm a reuniões públicas de psicografia quando poderiam, na intimidade, buscar essa interação — como a *Revista Espírita* documenta, inclusive na mensagem sobre o lar de uma família espírita, publicada em 1859. Recorreu ao texto kardequiano “O espiritismo sem Espíritos” para lembrar

que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo, e que é nelas que os espíritas encontram alegria, consolação e esperança. Relatou ainda ouvir de dirigentes que jovens têm procurado outras práticas religiosas porque nelas conversam com os espíritos.

O papel do centro espírita

A conclusão devolveu a questão às casas. Se a transformação social depende da caridade, e a caridade depende de uma fé raciocinada que só a experiência consolida, cabe ao centro

espírita formar, orientar e viabilizar com segurança essa prática — mantendo-se fiel às obras de Kardec como fundamento, e não apenas ao discurso moral genérico. O conferencista encerrou com a exortação do Espírito da Verdade aos espíritas, pioneiros da obra, para que puguem por palavras, mas sobretudo pelo exemplo, de modo que não se diga que as máximas que ensinam são palavras vãs em sua boca. “Precisamos estudar Kardec para compreender Kardec, mas, acima de tudo, para viver Kardec”, concluiu. ☼





Conferência

O centro espírita no novo tempo

Coube a Antonio Cesar Perri de Carvalho a conferência que dá nome ao tema central do Congresso. Ex-presidente da USE e da FEB e ex-membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional, autor e organizador de mais de trinta livros espíritas é professor titular aposentado da Unesp, onde foi pró-reitor de graduação, trouxe ao tema a dupla perspectiva do dirigente e do educador — e advertiu que falar da casa espírita no novo tempo exige, antes, olhar para o mundo em que ela existe.

O choque entre dois tempos

O ponto de partida foi o reconhecimento de uma descon-tinuidade. As experiências acumuladas no século XX permanecem válidas, com todo o mérito dos pioneiros, mas devem servir de subsídio para análise, e não de modelo a repetir. O que se vive hoje

é o choque entre instituições tradicionais, mantidas sob vínculos de momentos que passaram, e transformações rapidíssimas, acentuadas no pós-pandemia. O movimento já não se limita à sede física, e convive, ao mesmo tempo, com conteúdos e estudos fechados e padronizados. A crítica alcançou o próprio circuito de eventos: em muitos congressos circulam apenas conferencistas amigos dos organizadores, sem que se valorizem expressões novas.

Escola de almas

Feitas as ressalvas, reafirmou o centro espírita como base do movimento, onde ele se consolida pela vivência cotidiana. As atividades virtuais têm seu papel, mas a convivência presencial é indispensável. A referência invocada foi a mensagem “O Centro Espírita”, psicografada por Chico Xavier e assinada por Emmanuel em 1951, que de-

fine a casa como escola onde aprende-se, ensina-se, pratica-se o bem e colhem-se as graças — uma escola de almas, encarnadas e desencarnadas. Daí a proposta do acolhimento, estendida também aos desencarnados, e o reconhecimento de que cada centro atende a um público distinto: em São Paulo, a diversidade entre bairros já desautoriza a padronização.

O que dizem os números

Cesar Perri recorreu a dados para dimensionar o desafio. A expectativa média de vida do brasileiro foi citada em 76 anos e 6 meses, e quase 15% da população é hoje considerada idosa. Nos centros espíritas, a faixa predominante é a de 40 a 60 anos, e a de crianças e jovens é a menor entre todos os segmentos religiosos — e continua diminuindo, enquanto cresce nos demais. Só o município de São Paulo concentra 10% dos espíritas do país. O conferencista contrapôs ainda dois retratos do movimento: cerca de 300 sociedades inscritas naquele Congresso, contra as 551 presentes em outubro de 1947, no congresso que fundou a USE.

O excesso de escolarização

Parte do quadro foi atribuída à organização interna das casas. Os cursos são necessários — e o conferencista disse tê-los defendido desde a juventude —, mas chegou-se a um excesso de escolarização: ao pé da letra, as exigências de duração e sequenciamento fariam alguém cumprir uma fila de cursos em tempo superior ao de sua formação acadêmica para chegar a uma reunião mediúnica. Some-se a exigência de que o curso seja feito no próprio centro, em descompasso com a legislação educacional, que prevê aproveitamento de estudos. O efeito é a evasão de universitários que encontram as portas fechadas e passam a buscar o intercâmbio mediúnico fora do movimento. Dos mesmos pré-requisitos decorre uma mediunidade engessada, de médiuns tomados de tantos receios que já não sabem o que falam. A defesa não foi da indisciplina, mas da criatividade e da união entre estudo e prática, à maneira do ensino na área da saúde.

Espaço para o jovem, portas abertas ao idoso

As duas pontas da pirâmi-

de etária ocuparam boa parte da exposição. A partir de entrevista feita por sua esposa, Célia, com um jovem paulista, descreveu iniciativas em que o jovem tem espaço próprio — não um adulto controlando a atividade, mas um lugar onde ele pinta a parede, cuida da decoração e usa jogos para discutir assuntos doutrinários; citou um centro da capital que criou um estúdio para os jovens. Do outro lado, defendeu que as casas não permaneçam fechadas durante o dia, já que reuniões diurnas facilitam a presença do idoso, e lembrou a legislação de mobilidade, com elevadores e rampas.

Assistência social e elitização

As grandes obras assistenciais de meados do século passado tornaram-se difíceis de sustentar diante de normas, previdência e vínculos trabalhistas, e várias fecharam ou se adequaram. Quanto às parcerias públicas, Cesar Perri recorreu à convivência de vinte anos com Chico Xavier, que recomendava distância de governos, e observou que, num Estado laico, o convênio impede falar de espiritismo aos assistidos. A pergunta que

deixou foi se as necessidades continuam as mesmas de cem anos atrás: saúde e educação muitos fazem, inclusive ateus, mas de espiritismo só os espíritas falam. Recuperou ainda a advertência de Chico sobre o risco de elitização das casas.

Espaços em lugar de departamentos

A proposta organizacional foi das mais concretas: substituir a lógica departamental por espaços que articulem criatividade, educação e trabalho, reunindo criança, jovem, adulto e idoso sem compartimentos estanques. A área empresarial, comparou, já abandonou nichos e escritórios isolados, enquanto o movimento segue repetindo “departamento” — exigência irreal para o centro simples do interior. Dos seminários “Educação e Atividades Espíritas”, promovidos em sua gestão na FEB, saiu a conclusão de que são necessários espaços interativos e de diálogo, com visitas culturais e assistenciais, confraternizações informais, conteúdo trabalhado a partir de problemas e adequação do tempo de exposição — se antes a palestra durava uma hora e meia, hoje os



congressos científicos limitam-se a vinte minutos.

Diálogo, subsidiariedade e responsabilidade

No trecho final, articulou três ideias. A primeira, o diálogo inter-religioso: recordou o Acordo de União assinado em 2000, durante sua gestão na USE, que reuniu a entidade, a Feesp, a Aliança e associações especializadas, e lembrou que, na base da formação do povo brasileiro, estão as matrizes africana e indígena, com as quais os espíritas devem aprender a dialogar sem preconceito. A segunda, a subsidiariedade

de — resolver as questões no local mais indicado, e não numa instância superior. A terceira foi a responsabilidade dos encarnados: contra a ideia de que os Espíritos fazem tudo, invocou o capítulo primeiro de *A gênese* — a revelação espírita é divina em sua origem, mas fruto do trabalho do encarnado em sua elaboração — a sentença de Léon Denis de que o espiritismo será o que dele fizerem os homens encarnados e a observação atribuída a William James, em *Entre irmãos de outras terras*, de que cada país terá o espiritismo que dele fizer. ☼

Conferência

Os desafios familiares na era digital



USI

ongresso
dual de
itismo

A conferência de Alberto Almeida abriu com uma reflexão sobre a importância da família e da conexão entre diferentes regiões do país. O conferencista reconheceu as raízes espirituais e culturais do Brasil, com menção especial ao Norte, situando a fala num horizonte amplo, que parte do estado moral do mundo para chegar ao cotidiano dos lares.

De uma era a outra

O núcleo inicial da exposição foi a transição de uma época marcada pelo materialismo e pelo ateísmo para uma nova ordem de valores espirituais, conforme proposto por Allan Kardec em *O livro dos espíritos*. Almeida observou que as revoluções morais se medem em séculos e enfrentam a resistência daquilo que chamou de “edifício antiquado” — a velha mentalidade materialista que relutará em ceder lugar. Diante das grandes questões existenciais, sustentou, as respostas puramente materialistas se revelam insuficientes, e é aí que o espiritismo se apresenta como doutrina de síntese, capaz de unir moral e racionalidade.

A crise de sentido



Na sequência, Alberto Almeida analisou as consequências do afastamento do Divino, relacionando-o ao aumento de sofrimentos contemporâneos — do adoecimento mental ao vazio existencial, da dependência química à perda de referências. Almeida citou comportamentos que, em sua leitura, ilustram a confusão de um ser humano sem bússola espiritual e a fragmentação da identidade. Frente a esse quadro, propôs como caminho o autoconhecimento, a humildade e a transcendência, entendidos como vias para devolver sentido à existência. O argumento não se deteve no diagnóstico: a ênfase recaiu sobre a possibilidade de reorientação moral, à luz do espiritismo.

A família como laboratório

Na parte central da conferência, dedicou-se à família sob a perspectiva espírita. Por meio de relatos pessoais e de casos terapêuticos, ilustrou a influência espiritual nas crises conjugais e familiares e ressaltou o valor do perdão, da resiliência e do amor nos lares, sobretudo diante de dificuldades — como no exemplo da mãe abnegada e do pai acometido por transtornos.

A família foi apresentada como lei natural e verdadeiro laboratório de evolução moral, em que os problemas se convertem em oportunidades de crescimento. Nessa leitura, a espiritualidade atua no resgate dos laços afetivos e na superação de padrões negativos herdados, oferecendo amparo a quem atravessa conflitos domésticos.

Doutrina de amor e universalidade

Almeida descreveu o espiritismo como síntese das verdades universais, capaz de guiar a humanidade ao uso de uma inteligência iluminada pela moralidade e pela amorosidade. Nesse ponto, a era digital reapareceu sob enfoque propositivo: a missão espírita inclui o uso responsável das redes sociais para o bem e a prática da caridade no cotidiano, começando pelo próprio lar. Jesus foi destacado como o grande modelo e fonte inesgotável de inspiração e sustentação, especialmente nos momentos de crise — referência que costurou as diferentes partes da exposição.

Perguntas e reflexões

O momento de interação trouxe questões que prolongaram o debate: como

conciliar a liberdade individual com a aceitação do Divino; de que forma lidar com as influências espirituais negativas nas relações; e como exercer o amor em meio às adversidades familiares e sociais. As respostas reafirmaram o compromisso com a moral espírita e o exemplo de Jesus, e incentivaram o exercício do amor e da caridade começando em casa e expandindo-se para a sociedade.

Caminhos propostos

Como encaminhamentos, Alberto Almeida apontou o fortalecimento da vivência dos valores espíritas no cotidiano familiar, o uso das redes sociais para divulgar mensagens edificantes e contribuir para o bem coletivo, e a promoção de espaços de acolhimento e diálogo para famílias em crise, sustentados por conhecimento e acolhimento espírita. Encerrou-se, assim, um percurso que partiu da transformação moral do mundo para desembocar em gestos concretos — o cuidado com os próprios laços e a responsabilidade no ambiente digital — como expressões práticas de uma doutrina que se quer, antes de tudo, de amor. ☀

As rodas de conversa

As rodas de conversa do 19º Congresso Estadual de Espiritismo aconteceram no dia 20 de junho, divididas em quatro horários. Na parte da manhã, das 9h às 10h30 e das 11h às 12h30. Na parte da tarde, das 14h às 15h30 e das 16h às 17h30. Marco Milani e Antonio Carlos Amorim coordenaram as rodas de conversa e foram responsáveis pelas prévias ocorridas nos meses que antecederam o Congresso.

19cee 19º Congresso Estadual de Espiritismo **USE** UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

RODA DE CONVERSA O Centro Espírita no novo tempo

9h

SALA 2	O CENTRO ESPÍRITA QUE BUSCAMOS: RESSIGNIFICAR O CENTRO ESPÍRITA
SALA 4	A DOUTRINA DOS ESPÍRITOS E O ASPECTO RELIGIOSO NO BRASIL
SALA 6	EDUCAÇÃO ESPÍRITA INFANTIL E MOCIDADE ESPÍRITA
TEATRO	QUALIDADE NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

11h

SALA 2	SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA E DOAÇÃO CONSCIENTE
SALA 4	COERÊNCIA DOUTRINÁRIA: ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA
SALA 6	ATENDIMENTO ESPÍRITUAL NO SÉCULO XXI
TEATRO	ANIMISMO NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

14h

SALA 2	NOVOS DESAFIOS DA MEDIUNIDADE NA ERA DIGITAL
SALA 4	O USO DA TECNOLOGIA A SERVIÇO DA DIVULGAÇÃO ESPÍRITA
SALA 6	O CENTRO ESPÍRITA COMO ESPAÇO INCLUSIVO E PLURAL
TEATRO	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ÉTICA À LUZ DA DOUTRINA ESPÍRITA

16h

SALA 2	ESPÍRITOS – GÊNERO E SEXUALIDADE
SALA 4	DESAFIOS DO ATENDIMENTO FRATERNAL PELO DIÁLOGO: ASPECTOS GERAIS E LEGAIS
SALA 6	AS CONTRIBUIÇÕES DE ANDRÉ LUIZ PARA O CENTRO ESPÍRITA
TEATRO	O ENGAJAMENTO DOS JOVENS NOS CENTROS ESPÍRITAS

SALA 5
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS
9h 11h 14h 16h

ENCPE-USE
ENCONTRO DE CIÊNCIA E PESQUISA ESPÍRITA DA USE

O centro espírita que buscamos: **ressignificar o centro espírita**

Mesa percorre quatro “ondas” do movimento espírita brasileiro e propõe entender o centro como construção coletiva, capaz de lidar com divergências e formar trabalhadores.

Com moderação de Allan Kardec Pitta Velloso e participação de Laureano dos Santos e Maurício Romão, a roda de conversa partiu de uma distinção fundamental: uma coisa é a Doutrina, codificada por Allan Kardec; outra é o movimento espírita, construído pelos próprios encarnados. A partir dela, os debatedores traçaram um panorama histórico do movimento no Brasil, organizado em quatro “ondas” a partir de cerca de 1880.





Quatro ondas, um movimento

A primeira onda, marcada por época de dificuldades e miséria, teria conduzido ao assistencialismo, com médiuns receitistas, cesta básica e sopa fraterna. A segunda, baseada na obra de Chico Xavier, voltou-se ao trabalho segundo Kardec — creches, asilos e amparo a crianças — até cerca de 1975. A terceira teve a USE e outras instituições como promotoras do estudo, antes escasso, com a campanha “Comece pelo Começo”, hoje nacionalizada, formando uma grande escola de trabalhadores. A quarta, mais recente, chega com obras como as de Joanna de Ângelis e busca aplicar a Doutrina ao dia a dia, tratando os problemas psicológicos da atualidade.

A mesa enfatizou a importância de seguir os princípios doutrinários e advertiu que o ser humano ainda não está preparado para todas as verdades — razão pela qual a Doutrina ainda não se enraizou plenamente. Defendeu-se definir com clareza o papel do centro e o do espírita como seguidor de Jesus, tomado por modelo e guia, e entender o centro como uma construção coletiva, apta a lidar com divergências e a criar vínculos efetivos de amizade entre os tarefeiros. Também se propôs enfocar temas da atualidade e formar trabalhadores — conhecedores e palestrantes — capazes de tratar desses assuntos com acolhimento.

Um debate que pediu mais voz

A principal tensão da sessão não esteve no conteúdo, mas no formato. Os relatos registram que o público desejava falar e trocar ideias, e que a dinâmica privilegiou a escuta dos debatedores. O moderador cedeu em parte, e o debate inclinou-se para a comunicação entre apresentadores e participantes. O tema dos jovens na casa espírita mereceu atenção destacada. Embora não tenham sido registradas divergências doutrinárias, o tempo foi considerado insuficiente e a interação, aquém do desejado pelos presentes — observação que a própria mesa acolheu como aprendizado para os formatos futuros. 🌀

A Doutrina dos Espíritos e o **aspecto religioso no Brasil**

Reaberta a antiga pergunta sobre a natureza do espiritismo — ciência, filosofia ou religião — e defende o resgate de suas dimensões filosófica e científica diante de um público habituado a práticas religiosas.

Sob a moderação de Antonio Carlos Amorim e com a participação dos debatedores Alda Sandrin e Ricardo Terini, a roda de conversa dedicou-se a examinar a natureza complexa do espiritismo no Brasil. O ponto de partida foi a leitura kardequiana segundo a qual a Doutrina dos Espíritos é, primordialmente, uma ciência de observação e uma filosofia com consequências éticas, e não uma religião no sentido tradicional — termo que carrega implicações de ritual, dogma e hierarquia que o espiritismo procura evitar.





O peso do contexto brasileiro

O debate reconheceu que o ambiente cultural do país, marcado pela herança católica e pela ausência de tradição científica no século XIX, levou as práticas espíritas a absorverem elementos religiosos. A presença de figuras como Chico Xavier e Bezerra de Menezes, observaram os participantes, reforçou os tons devocionais da vivência espírita. A partir daí, a mesa discutiu a persistência de rituais nos centros — o uso da água fluidificada, as preces coletivas e a estruturação das reuniões públicas —, traçando paralelos com costumes religiosos e questionando em que medida tais práticas comprometem a integridade filosófica da doutrina.

Entre as questões levantadas, destacaram-se: como manter os aspectos universais e filosóficos atendendo a um público acostumado à religiosidade; como apresentar o espiritismo a crianças e recém-chegados; e se autores posteriores, a exemplo de Chico Xavier, devem ter peso igual ao das obras fundamentais de Kardec. Os debatedores alertaram ainda para o risco de idolatrar médiuns ou a literatura mais recente em detrimento dos princípios da codificação.

Consenso pelo discernimento

A mesa convergiu para a necessidade de priorizar o estudo e o exame crítico das obras originais de Kardec como referência primária, abordando as obras posteriores com discernimento. Houve acordo de que o espiritismo não deve ser reduzido ao ritualismo religioso e de que suas dimensões filosófica e científica precisam ser resgatadas, sobretudo em contextos educacionais e na divulgação pública. Como diretrizes, sugeriu-se incentivar o estudo da Codificação completa — inclusive obras menos lidas, como a *Revista Espírita* —, reavaliar e, quando apropriado, reduzir elementos ritualísticos em favor da reflexão pessoal, desenvolver materiais adequados a cada faixa etária e estimular fóruns abertos sobre questões doutrinárias e desafios contemporâneos. Não foram registradas divergências relevantes. ☀

Educação Espírita Infantil e Mocidade: **educar pelo exemplo e pela criatividade**

Projeto “Escola de Heróis” e a história de uma educadora inspiram mesa que propõe formar caráter, abrir espaço aos jovens e vencer obstáculos práticos das casas.

Moderada por Mônica Etes e com os debatedores Isabela Moraes e Felipe, da Baixada Santista, a roda de conversa reuniu os departamentos de Mocidade e Infância em um trabalho concebido para unir frentes e provocar renovações. A tese de fundo foi a de que a educação espírita infantojuvenil deve investir na formação do caráter e na transmissão de valores morais — caridade e amor —, sem necessariamente nomear o espiritismo a cada passo, oferecendo à criança um ambiente seguro e uma referência positiva.





Histórias que formam

A mesa partilhou a experiência de leitura da *Revista Espírita Ilustrada* de 1958, que despertou o interesse das crianças pelos livros, e a história de Mary Jane, a educadora: filha de ex-escravos, alfabetizou-se com missionárias, tornou-se professora e ergueu uma escola — e, mais tarde, uma faculdade — com doações e determinação. Felipe apresentou o projeto “Escola de Heróis”, que leva às crianças as biografias de personalidades como Jesus, Joana d’Arc, Marie Curie e Malala, valendo-se de contação de história, cinema, ambientação e figurinos para que identifiquem virtudes e “superpoderes”.

Realizado mensalmente para crianças de famílias atendidas pela Assistência Social, o projeto atrai também jovens não espíritas pela prática da caridade. Os trabalhadores Mila, Felipe e Mike relataram o valor de oferecer referências positivas, distintas das que a criança por vezes encontra no bairro, por meio de música, animação e teatro de fantoches.

Obstáculos e soluções

Em uma dinâmica proposta por Mônica Etes, cada participante registrou um obstáculo à implantação do projeto e buscou solução para a dificuldade de outro. Surgiram respostas práticas: caronas para o transporte das crianças; ajuste de horários entre evangelização e mocidade; mobilização de trabalhadores e atividades para os pais; sensibilização diante da resistência; protagonismo e acompanhamento dos jovens; uso das mídias com leveza e conteúdo positivo; atenção a crianças e jovens neurodivergentes; e, nas casas de público envelhecido, o convite dos netos pelos avós.

Houve destaque quanto ao uso da música antes das aulas, com instrumentos à disposição das crianças. Não houve divergências; a interação foi adequada e o tempo, considerado insuficiente diante da riqueza do tema. ☀

Qualidade nas **reuniões mediúnicas**

Mesa define qualidade como atender à expectativa de três instâncias — a reunião, o médium e a casa — e põe o preparo doutrinário acima da quantidade.

Sob moderação de Juliana Bertoldo e com os debatedores Andréa Laporte Milani e Luiz Eduardo Ribeiro, a roda de conversa dedicou-se à qualidade das reuniões mediúnicas. O ponto de partida foi o preparo do médium por meio do estudo doutrinário e da busca pela instrução dos Espíritos. Qualidade, sustentou a mesa, não se confunde com quantidade: pressupõe conhecer todos os elementos do grupo, unidos pela segurança que a Doutrina oferece, com diálogo, confiança e amizade, e sem melindres.





Três instâncias integradas

Em uma imagem retomada ao longo do debate, qualidade foi descrita como “atender à expectativa do cliente”, considerados três planos articulados: a reunião mediúnica, o médium e a casa espírita. Essas instâncias devem integrar-se para atender os Espíritos e suas comunicações, sempre como processo de aprendizado.

O estudo, lembrou-se, precisa ser contínuo, pois a Doutrina é ampla e exige experiência, integração de todos às regras e à disciplina, além de responsabilidade, discrição e segurança para os envolvidos.

Entre os pontos comentados, a mesa tratou da indicação de livros e roteiros — priorizando a doutrina e evitando autores externos a ela —, da resistência de trabalhadores mais conservadores e do cuidado de não mesclar práticas com o espiritualismo.

Abordaram-se as evocações, o caráter sempre instrutivo das reuniões, o papel do dialogador — que deve tratar o espírito com empatia, despertando-o para a compreensão de sua condição — e os riscos de buscar atividades “milagrosas ou espetaculares” sem racionalidade, capazes de abrir caminho ao fanatismo, a rupturas desnecessárias ou à obsessão.

Caridade e revés no trabalho

A mesa criticou o médium “multitarefa”, que se prejudica ao atuar em todas as frentes ao mesmo tempo, e defendeu dar oportunidade e preparo a outros trabalhadores.

A caridade para com todos os envolvidos — benevolência, indulgência e perdão das ofensas — foi reafirmada como fundamento. Como sugestão adicional, propôs-se alinhar a melhor nomenclatura para o tradicional “doutrinador”, com termos como esclarecedor ou dialogador.

Não houve divergências; o tempo foi suficiente e a interação, conduzida por perguntas e respostas bem elaboradas, foi considerada adequada. 🌀

Coerência doutrinária: **entre o discurso e a prática**

Debatedores propõem entender a coerência como aplicação do método de Kardec ao tempo presente — e não como repetição —, distinguindo três níveis: intelectual, mediúnico e moral.

Com moderação de Marco Milani e participação de Liamara Nascimento e Wilson Garcia, a roda de conversa enfrentou um dos temas mais sensíveis do movimento: a distância entre aquilo que se proclama e aquilo que se vive. A tese inicial foi direta — coerência não é mera repetição de ensinamentos, mas a aplicação dos métodos, valores e espírito crítico de Kardec às circunstâncias atuais. A mesa recorreu ao item 35 de *O que é o Espiritismo* e a uma máxima atribuída a Emmanuel para sustentar que o espírita é artífice do próprio destino e da transformação do meio.





Três níveis de coerência

O conceito foi dividido em três planos. No nível intelectual, a Doutrina precisa ser racional e aberta ao progresso, o que exige verificar se há de fato estudo e revisão de conceitos à luz de novos fatos. No nível mediúnico, o espiritismo demanda investigação constante dos fenômenos atuais, e não apenas a preservação dos antigos — quem começou investigando não pode tornar-se mera repetidora. No nível moral, apontado como o mais difícil, a coerência se traduz em fraternidade, respeito e acolhimento, manifestando-se na capacidade de ouvir e debater opiniões diferentes. Para Wilson Garcia, o maior problema é justamente transformar o discurso em prática: a coerência doutrinária exige honestidade, não perfeição, e ser coerente é agir conforme aquilo em que se acredita.

Os participantes reconheceram um movimento heterogêneo, com diferentes graus de maturidade doutrinária e sem um órgão central que defina “verdades” — o que reforça a necessidade de fé raciocinada e de argumentação lógica. A validação das ideias, defendeu-se, deve dar-se por consenso, estudo sério, comparação racional e autocrítica, inspirados no método kardecista. Discutiu-se ainda a relação entre religiosismo e devocionismo, a seriedade exigida no trabalho mediúnico e o cuidado com as evocações.

Juventude, estudo e diálogo

A mesa insistiu na importância do estudo sério e continuado e na passagem da teoria à prática, lembrando que cada pessoa detém um pedaço da verdade e que a união amplia o conhecimento. Sobre os jovens, observou-se que seus problemas no movimento permanecem os mesmos há décadas e que é preciso convocá-los para tarefas reais, com o devido preparo. Como próximos passos, a mesa recomendou reforçar o estudo continuado e a participação ativa dos jovens, priorizar o diálogo e o método racional na validação de novas práticas e planejar eventos futuros voltados à tecnologia e inclusão. Não houve divergências relevantes. ❀

Sustentabilidade financeira e **doação consciente**

Transparência, conscientização e adequação legal: mesa reúne experiências de captação e gestão para que as casas espíritas se sustentem sem perder o caráter de doação.

Moderada por Rosana Gaspar e com as debatedoras Ivana Raisky, de Goiás, Marlus Garcia e Danilo Sigaudi, de São Paulo, a roda de conversa abordou a sustentabilidade financeira das casas espíritas a partir de experiências concretas de arrecadação e gestão. Os bazares foram apontados como importante complemento de receita, ao lado da contribuição consciente dos associados — mensal ou esporádica —, sempre acompanhada da conscientização dos voluntários e da transparência nos gastos e na prestação de contas.





Parcerias, isenções e documentação

A mesa explorou a sinergia com empresas de visão social, que podem oferecer serviços aproveitáveis pelas casas, e tratou de questões tributárias, como isenções, imunidade e a possibilidade de restituições. Sugeriu-se a criação de uma cartilha e até de um repositório com modelos de requerimentos a órgãos públicos, bem como um espaço, mantido pela USE, com facilidades e serviços relativos ao financeiro dos centros.

Foi mencionado o projeto de adequação do CNAE, voltado a enquadrar as casas para que possam receber recursos de diversas entidades. Quanto ao protagonismo juvenil, registrou-se que o jovem pode ajudar nas diversas atividades, inclusive na gestão, sempre com supervisão de adultos.

Reiterou-se a importância da documentação da casa, com estatuto registrado e em uso.

Um ambiente de troca

A sessão transcorreu de forma pacífica e harmoniosa, marcada por enriquecimento mútuo.

Falou-se de formas de aceitar doações de pessoas falecidas sem herdeiros e da isenção de IPVA para veículos de centros, sempre atentando para o correto enquadramento junto à Receita Federal.

Não houve divergências relevantes. Quanto ao tempo, os participantes consideraram que o formato de palestra, embora instigante e enriquecedor, pediria mais espaço para troca; a interação com o público foi avaliada como adequada, com colocações pertinentes que enriqueceram o tema. 🌸

Atendimento espiritual no **século 21**

Diante de um público marcado por sofrimento financeiro e mental, mesa reafirma o acolhimento como essência da casa espírita e propõe abrir espaço a jovens e ao modelo híbrido.

Moderada por Mauro Antonio dos Santos e com os debatedores Antônio Nascimento e Edmar Galves, a roda de conversa tratou do atendimento espiritual como atividade fundamental da casa espírita. Mauro elencou suas seis frentes: recepção e acolhimento; atendimento fraterno pelo diálogo; passe ou fluidoterapia; explanação do Evangelho à luz do espiritismo; Evangelho no Lar e no Coração; e vibrações.





A casa como hospital e escola

Antônio Nascimento descreveu o centro espírita como “hospital, pronto-socorro, colo de mãe”, espaço em que a pessoa seja vista sem julgamento, e também como escola que ensina a não temer a morte. Traçou um perfil de quem hoje procura a casa — preocupações financeiras, endividamento, transtornos de saúde mental como depressão, ansiedade e *burnout*, solidão, ideação suicida e os efeitos da hiperconectividade —, observando que nem todos chegam, pois há ofertas de apoio em muitos lugares. Mauro reforçou que o acolhimento perpassa todas as atividades, e Edmar Galves lembrou que a conduta do trabalhador, sustentada pelo estudo, é a maior forma de divulgação.

As perguntas do público orientaram boa parte do debate. Sobre acolher quem chega em sofrimento, destacou-se a importância de a pessoa sentir-se vista, com atenção à recepção, à acessibilidade e à identificação dos trabalhadores. Quanto a atender quem chega transtornado, recomendou-se conduzir a pessoa a atendimento reservado e preparado — com a possibilidade de passe e o recurso aos grupos de sustentação —, sem esquecer o sigilo, princípio reafirmado como inegociável. Quanto ao bom atendente fraterno, exigiram-se vontade de servir, conhecimento dos princípios fundamentais e a prática da caridade tal como a define a questão 886 de *O livro dos espíritos*.

Presença, juventude e saúde

A mesa defendeu manter as atividades virtuais sem abrir mão do presencial, cujo contato humano é insubstituível, e criar grupos de convivência para públicos específicos. Sobre os jovens, propôs-se prepará-los com os cursos da USE, respeitando seu nível e maturidade, e reconheceu-se que vê-los como descomprometidos costuma ser um preconceito. Em relação a doenças graves, Edmar foi enfático: não se deve desaconselhar o tratamento médico, cabendo ao atendimento espiritual papel complementar.



Animismo nas **reuniões mediúnicas**

Da antropologia a Kardec, mesa desfaz o tabu que confunde animismo com mistificação e reafirma o controle universal do ensino dos Espíritos como critério de segurança.

Sob a mediação de Andréa Laporte Milani, a roda de conversa reuniu os expositores Cosme Massi, filósofo com formação em física e estudioso de Kardec, e Fernando Porto, psicólogo dos departamentos de mediunidade e de atendimento espiritual da USE, em torno de um tema tão recorrente quanto mal compreendido: o animismo.





Uma palavra que Kardec não usou

O ponto de partida foi histórico e conceitual. A mesa lembrou que Kardec jamais empregou o termo “animismo”, nascido na antropologia cultural com Edward Burnett Tylor para designar as religiões que atribuíam espíritos à natureza. A palavra ingressou no vocabulário espírita por obra de Alexander Aksakof, em *Animismo e espiritismo*, escrito em resposta a Eduard von Hartmann, que pretendia reduzir todo fenômeno mediúnico à autoria do médium. Aksakof demonstrou que não se pode generalizar: há, sim, comunicações produzidas pelo próprio médium, mas disso não decorre que todos os fenômenos se expliquem assim.

Retomando o capítulo XIX de *O livro dos médiuns*, os expositores distinguiram dois planos: o do médium que comunica por si mesmo — raro no estado de vigília e ligado à emancipação da alma — e o da influência que todo médium exerce sobre a comunicação, já que o intercâmbio se dá pelo pensamento e é o Espírito do médium que o capta e traduz. Compreendida assim, a participação anímica deixa de ser defeito a temer e revela-se elemento natural de toda mediunidade — o que esvazia o tabu que a confunde com mistificação e leva tantos médiuns a reear o rótulo de “anímicos”.

O critério que dá segurança

Do núcleo conceitual derivaram orientações práticas: a primazia da educação mediúnica sobre o mero desenvolvimento da faculdade — lembrando, com a questão 459 de *O livro dos espíritos*, que somos nós a atrair a companhia espiritual —, o valor da evocação, sempre iniciada pelo anjo guardião, e o perfil do dirigente, conhecedor da doutrina e firme sem ser agressivo, atento ao risco de induzir, por sugestão mental, as comunicações que pretende esclarecer. O debate culminou no controle universal do ensino dos Espíritos, exposto por Kardec em *O evangelho segundo o espiritismo*: a análise do conteúdo, balizada pelo critério moral, é o único critério sob nosso controle e deve ser sempre aplicado. Examinar uma mensagem, concluiu a mesa, não ofende o médium nem o espírito, pois a caridade se deve às pessoas, não ao texto — num convite final à coragem intelectual e ao estudo direto de Kardec. ☀

Novos desafios da mediunidade **na era digital**

Experiências de grupos mediúnicos a distância, nascidas na pandemia, levam a mesa a concluir que o virtual complementa — mas não substitui — o trabalho presencial.

Moderada por Julia Nezu e com os debatedores Nilzely Aparecida Nery Mancini, da USE Intermunicipal de São Carlos e Jerson Bottaro, ligado à Aliança Espírita Evangélica, a roda de conversa tratou de um tema reconhecido como polêmico: a prática mediúnica mediada por tecnologia. Ambos relataram que, durante a pandemia, criaram grupos mediúnicos a distância, recorrendo aos meios de comunicação disponíveis.





Da urgência à estrutura

Os debatedores contaram que a implantação exigiu tempo, dada a necessidade de preparar os médiuns e criar harmonia no grupo.

Relataram que a mediunidade a distância se mostrou equivalente à presencial e compartilharam as experiências de cada núcleo, incluindo a formação de turmas, o uso de plataformas, a evangelização infantil e o atendimento no tratamento espiritual. Entre as práticas citadas, destacou-se a reciclagem periódica dos médiuns, a cada seis meses.

O núcleo doutrinário do debate apoiou-se em pontos como a influência da vontade, a prática do bem, o poder da prece, a vigilância do pensamento e o estudo prioritário do capítulo XIV de *A gênese*, sobre os fluidos, além da análise dos mitos em torno da mediunidade e da necessidade de novos paradigmas educacionais.

Complementar, não substituir

A conclusão central foi de que o método a distância não veio substituir o trabalho mediúnico, mas complementá-lo. Houve, contudo, divergência relevante: manifestou-se preocupação com a possível virtualização dos centros, lembrando-se que Kardec discorre sobre a necessidade do encontro presencial e que uma casa tomada por problemas materiais pode interferir no trabalho, somada à dificuldade de preparar adequadamente o ambiente.

Por se tratar de assunto novo, o tema suscitou muitas dúvidas, e as perguntas geraram novos questionamentos — razão pela qual o tempo foi considerado insuficiente, embora o tema tenha sido bem desenvolvido e a interação, conduzida de forma clara e sucinta, tenha sido adequada. ☼

O uso da tecnologia a **serviço da divulgação espírita**

Entre algoritmos e acolhimento, mesa defende que a presença digital espírita só cumpre seu papel quando aliada a propósito, relacionamento e conteúdo de qualidade.

Moderada por Maurício Romão, com os debatedores Regina Mercadante e Walteno Bento da Silva, a roda de conversa partiu de um diagnóstico do cenário digital: o *streaming* domina o consumo on-line, seguido por carreiras, saúde e bem-estar, tecnologia e tutoriais; a temática espiritual aparece adiante, dominada por tarô, numerologia e astrologia, e só ao final surge o conteúdo espírita, consumido no Brasil por cerca de 1,6 milhão de pessoas. Daí a necessidade, sublinhada pela mesa, de ocupar melhor esse espaço — mas sem inverter prioridades: antes de dominar a tecnologia, é preciso conhecer o espiritismo.





O algoritmo e o acolhimento

Os debatedores destacaram que o tempo de visualização nas redes valoriza o engajamento e que o principal diferencial é o acolhimento: quem assiste a um canal quer ser protagonista, ter o nome citado, ser recebido pelo *chat*. Alertaram para o uso indiscriminado dos cortes curtos (“shorts”), úteis para atrair seguidores, mas vazios quando desprovidos de conteúdo. Recomendaram escolher uma rede e nela se especializar, lembraram que o modelo híbrido é recente — de cerca de doze anos para cá — e que o valor do encontro presencial permanece insubstituível. Também se discutiu a expressão do Espiritismo em uma sociedade marcada pelo aumento dos problemas de saúde mental, agravados pelas próprias tecnologias digitais.

A inteligência artificial foi citada como auxílio na construção de textos e na verificação da qualidade do material, e relatou-se o uso de imagens geradas por IA na confecção de uma *Revista Espírita Ilustrada*. Quanto à produção — que exige de dez a doze horas diárias para manter um bom canal —, sugeriu-se que os jovens assumam a tarefa, em colaboração com os mais experientes, formando equipes de 13 a 30 anos. Foi recomendada a leitura de “*A geração ansiosa*”, de Jonathan Haidt, e apresentada a experiência do Centro Espírita Nova Era, de Santo Amaro, em parceria com canais que retransmitem conteúdo.

Propósito acima do número

A conclusão foi de que o trabalho não se mede apenas por números, mas por propósito: acertar o tema, ler o momento e suas necessidades. Seja pela internet, seja presencialmente, o acolhimento foi reafirmado como o mais importante, sustentado por propósito e relacionamento. Não houve divergências; a interação foi natural e espontânea, com os participantes contribuindo por falas, e divulgaram-se o canal EM Lives TV - Espiritismo e Mediunidade e o projeto Centro Espírita. 🌀

O centro espírita como **espaço inclusivo e plural**

Mesa pergunta se as casas estão acolhendo “corpos” ou “Espíritos” e propõe a escuta ativa e o amor como receitas para receber a diversidade.

Com moderação de Roberto Magalhães, presidente da FEESP, e a participação de Wellington Balbo — de Cafelândia, com trabalho ligado ao Centro Espírita Salvador — e André Siqueira, da FEB, a roda de conversa pôs em questão o que significa, na prática, ser um centro plural. A relatoria coube a Clodoaldo de Lima Leite. A pergunta de abertura — ser plural significa que a casa espírita inclui? — deu o tom de um debate centrado no acolhimento.

Acolher com maestria

Wellington Balbo sustentou que todos precisam ser incluídos e que as pessoas querem ser acolhidas e bem recebidas, por meio de uma escuta ativa e de uma recepção que acolha com maestria. Questionou se o movimento sabe acolher os jovens e apontou barreiras concretas à inclusão,





como salas em andares superiores que impedem a acessibilidade de pessoas com deficiência — lembrando a necessidade de palestras em Libras — e a ausência de opções de trabalho virtual, vista como meio de inclusão. Alertou para o esvaziamento das casas no pós-pandemia e indagou se o “deserto digital” estaria determinando esse afastamento. Evocando a noção kardequiana das “mútuas concessões”, defendeu aprender a lidar com os diferentes e perguntou se as casas estão preparadas para receber pessoas com ideação suicida, exigindo o desenvolvimento de estratégias adequadas. Roberto Magalhães acrescentou a reflexão sobre o que é acolhimento, informando que a Feesp iniciou um curso sobre o tema, inclusive quanto ao acolhimento de pessoas com TEA.

André Siqueira definiu o centro espírita como um laboratório para a convivência de encarnados e desencarnados, voltado ao exercício de uma cidadania universal — espaço primoroso e privilegiado de vivências. Observou que o movimento tem falhado no preparo de quem recebe e distinguiu dois tipos de bons oradores: os que encantam e os que fazem a pessoa desencantar de si mesma. Criticou a tendência de buscar o que agrada ao público, deixando de expressar a mensagem que liberta, e situou o papel do centro como o de lançar questionamentos e exercitar a paciência e o amor. Também destacou a ausência de jovens nas casas.

O amor como receita

No bloco de perguntas, Balbo ponderou que não se deve abandonar o estudo, mas associá-lo à prática, lembrando que o grande campo de trabalho está fora do centro; e que todos os pontos do conhecimento humano são tocados pelo Espiritismo, o que exige preparo e escuta ativa para compreender as diversidades. André Siqueira resumiu que o amor é a receita para receber a diversidade e provocou a mesa a perguntar se as casas estão acolhendo “corpos” ou “espíritos”. Recorreu-se à questão 886 de *O livro dos espíritos* sobre o sentido da caridade — benevolência, indulgência e perdão — e lembrou-se que Kardec veda três assuntos na organização espírita: o econômico, o religioso e o político. Diante da questão dos grupos fechados, que não dão oportunidade a outros, a resposta foi diálogo, educação e respeito. 🌟

Inteligência artificial e ética à luz da Doutrina Espírita

“Estagiário de luxo” que auxilia, mas não decide: mesa fixa a validação doutrinária e a responsabilidade humana como limites do uso da IA nas casas espíritas.

Moderada por Norberto Tomasini e com os debatedores Marco Milani e João Thiago de Oliveira Garcia, a roda de conversa debateu o uso ético da inteligência artificial no contexto espírita, diante de sua crescente popularização. O tom geral foi de aproveitamento criterioso: a tecnologia é neutra e seu valor depende do uso responsável.





Riscos e critérios

Os debatedores alertaram para o modo como a IA coleta e combina informações, podendo gerar conteúdos sem base de sustentação e misturar fontes controversas e não doutrinárias — as chamadas “alucinações”. Daí a regra de revisar todo o material gerado, conferir as referências e validar as informações, confrontando-as com as obras básicas e recusando o argumento de autoridade fundado apenas no nome do autor ou médium. O ponto principal, sintetizou a mesa, está em saber como usar e como pedir aquilo que se deseja. Advertiu-se ainda para o risco do “atrofiamento cognitivo”, já que a ferramenta pode atenuar o esforço intelectual, e para a necessidade de manter o espírito crítico e o estudo constante.

A mesa tratou também do direito autoral na geração de imagens com personagens licenciados e do cuidado com dados sensíveis, sob a ótica da LGPD. Recomendou-se que, na produção de textos, o autor produza e peça à IA apenas a revisão de ortografia e estilo, decidindo se aceita ou não as sugestões de conteúdo. Observou-se, por fim, que a programação dessas ferramentas tende a incluir “elogios” ao usuário, o que exige atenção redobrada.

Limites intransponíveis

Houve consenso de que a IA não substitui o atendimento fraterno, a fluidoterapia, as orientações e as interações entre humanos, nem a responsabilidade humana — daí a imagem do “estagiário de luxo”, que auxilia, mas não decide. Reafirmaram-se a centralidade do método doutrinário, a validação por múltiplas fontes independentes e o investimento em capacitação. Não foram registradas divergências; o tempo foi suficiente e a interação adequada, ainda que um participante tenha gerado certa confusão. Discutiu-se, ao final, a conveniência de fóruns doutrinários para aprofundar temas polêmicos. 🌀

Espíritos - gênero e sexualidade

Mesa parte da natureza do espiritismo e do autoconhecimento para situar o acolhimento à diversidade no horizonte da transição planetária, com a evangelização da infância e da juventude como prioridade estratégica.

Sob a mediação de Alessandro Viana e com a participação dos debatedores Fernando Porto e João Thiago de Oliveira Garcia, a roda de conversa situou o tema no conjunto das bases históricas, científicas e filosóficas do espiritismo, sublinhando desde o início a necessidade do autoconhecimento e da vivência evangélica. Coube ao mediador recuperar essas raízes; a Fernando Porto, a ênfase na importância estratégica da evangelização infantil e juvenil dentro do movimento e na estrutura das casas espíritas; e a João Thiago, a leitura do atual momento de transição planetária, com a imagem da separação do joio e do trigo, o papel dos trabalhadores e a necessidade de acolhimento nas instituições.

Identidade e propósito da Doutrina

A mesa reafirmou que o espiritismo não deve ser reduzido a uma religião de rituais, mas compreendido como ciência de observação e filosofia de consequências morais. A partir daí, os debatedores defenderam que a verdadeira transformação social decorre da transformação individual: o autoconhecimento — remetido à questão 919 de *O livro dos espíritos*, atribuída a Santo Agostinho — e a reforma íntima foram apontados como ferramentas fundamentais para que cada pessoa colabore com a melhoria do mundo. A Doutrina, observou-se, oferece as chaves para compreender o sofrimento e as desigualdades pelas leis de causa e efeito e pela reencarnação, mas exige o “fazer o bem” ativo, e não apenas o “não fazer o mal”.





A urgência da evangelização

Um dos eixos centrais foi a defesa da evangelização infantil e juvenil como coração estratégico da casa espírita — e não como atividade secundária ou mero “recreio” enquanto os adultos assistem às palestras. A infância e a juventude foram descritas como os períodos mais férteis para a semeadura das verdades do Espírito e para a formação dos futuros trabalhadores do bem. A mesa apontou a necessidade urgente de modernização pedagógica no repasse dos conteúdos às novas gerações, com metodologias ativas que dialoguem com a realidade dos jovens sem descaracterizar a pureza doutrinária.

Transição planetária e acolhimento

O debate leu o presente à luz da passagem da Terra de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração — processo entendido não como catástrofe súbita, mas como mudança gradual na média vibratória e moral do planeta. A metáfora do joio e do trigo foi tomada como imagem desse curso, em que espíritos refratários ao bem seriam direcionados a mundos compatíveis com seu estágio, enquanto novos espíritos chegam para auxiliar no progresso. Nesse quadro, as casas espíritas foram descritas como postos de socorro e hospitais da alma, o que exige dos trabalhadores a vivência real do Evangelho, começando pela paciência, pela tolerância e pelo amor fraternal. Entre as referências evocadas estiveram Kardec — sobretudo *O livro dos espíritos* e *O evangelho segundo o espiritismo* —, além de Amélia Rodrigues, Emmanuel e a menção conceitual às obsessões coletivas tratadas por Manoel Philomeno de Miranda. Como diretrizes práticas, reforçaram-se o atendimento fraterno pautado pela escuta ativa e sem julgamentos, a integração da família pelo Evangelho no Lar e a capacitação contínua dos evangelizadores.

Fidelidade com dinamismo

A mesa encerrou convergindo para algumas diretrizes: manter a fidelidade às bases kardequianas com a flexibilidade de atualizar as formas de comunicação; deslocar o foco do crescimento material e do número de frequentadores para a profundidade da transformação moral; dar voz, espaço e apoio às mocidades e aos departamentos de infância; e fortalecer a cooperação entre as casas — o trabalho de unificação —, superando vaidades e melindres diante dos desafios coletivos da transição. 🌀

Desafios do atendimento fraterno **pelo diálogo: aspectos gerais e legais**

Acolher sem causar nova dor: mesa discute como traduzir a mensagem de Jesus em acessibilidade prática, com escuta, alteridade e responsabilidade legal.

Com a moderação de Renata Duarte e Jaqueline Barros Ribeiro e Thaís Ortega como debatedoras, a roda de conversa examinou como a casa espírita tem transformado os ensinamentos de Jesus em acessibilidade concreta. A resposta apontada foi o diálogo — e não o monólogo —, respeitada a pluralidade das pessoas e dos Espíritos que buscam o atendimento.





Escuta sem preconceito

O atendimento espiritual lida com sofrimentos e dores de toda ordem, o que exige do atendente conhecimento somado à escuta fraterna, despojada de preconceitos, oferecendo à pessoa uma casa para “pertencer” a algo bom. Entre os desafios, a mesa apontou lidar com as intimidades alheias de forma responsável e segura, exercer a alteridade aliada à autonomia e enfrentar o capacitismo — conhecer cada situação para melhor atender, compreendendo que ferramentas assistivas são extensões do corpo da pessoa com deficiência. Em casos de violência, recomendou-se evitar julgamentos, e firmou-se o princípio de que o atendimento não deve causar mais dor do que aquela que já traz quem procura a casa.

As perguntas do público aprofundaram questões práticas: a acessibilidade para deficientes visuais, com técnicas de comunicação e o cuidado de não obstruir a fala; o atendimento a não espíritas, mediante capacitação e empatia; a presença de um segundo trabalhador no atendimento; e a diferença entre a criança que chega acompanhada dos pais e a que chega sozinha. Reiterou-se ainda que não se deve tocar o atendido sem necessidade absoluta.

Sigilo, lei e capacitação

A dimensão legal ganhou relevo. Discutiu-se como orientar alguém sobre a necessidade de acionar um advogado e lembrou-se que reter dados exige cumprir a legislação — com referência expressa à LGPD, a Lei Geral de Proteção de Dados. Os trabalhadores, que representam a casa espírita, devem assinar termo de confidencialidade, e o atendente precisa estudar tanto a Doutrina quanto as leis. Como diretriz, propôs-se intensificar a divulgação do documento orientador de cada área junto aos centros, mantendo-o atualizado periodicamente. Não houve divergências; o tempo foi suficiente no geral, ainda que insuficiente para os detalhes mais específicos da área. 🌀

As contribuições de André Luiz **para o centro espírita**

Mesa defende que a obra de André Luiz ilustra e amplia a codificação de Kardec sem contradizê-la, transformando o espírita em instrumento melhor para a casa espírita.

Moderada por Walteno Silva e com os debatedores Antonio Cesar Perri de Carvalho e Flávio Ottolini, a roda de conversa examinou a contribuição das obras de André Luiz ao espiritismo, com atenção especial à mediunidade e ao cotidiano dos trabalhadores. A mesa partiu da constatação de que esses escritos aprofundam o conhecimento da mediunidade e oferecem, em linguagem mais simplificada, uma ilustração prática daquilo que Kardec sistematizou.

Kardec sistematiza, André Luiz ilustra

Os debatedores sustentaram que André Luiz traz a perspectiva da espiritualidade sobre a vida no plano espiritual





e relata casos de mediunidade que Kardec não teve oportunidade de abordar na obra básica. Enquanto Kardec fornece os conceitos, a obra de André Luiz os ilustra para o centro espírita. Ressalvou-se que não se aplica o controle universal às histórias narradas, mas que elas são totalmente coerentes com a codificação — e que a obra, planejada pela espiritualidade, encontra nas “mãos limpas” de Chico Xavier uma comprovação. A mesa frisou ainda que esses relatos não são ficção, mas histórias verdadeiras, e que trazem antecipações tecnológicas que Chico Xavier não teria como conhecer em meados de 1940.

As obras foram apontadas como forte apelo à transformação moral — o terceiro momento do Espiritismo previsto por Kardec — e como colaboração relevante para a compreensão dos mecanismos da mediunidade e dos processos de obsessão. Atribuiu-se a André Luiz influência na organização das casas e das reuniões mediúnicas, sobretudo no campo da desobsessão, bem como na modificação do posicionamento do dialogador, incentivado a tratar com amor aqueles que se manifestam. A mesa não ignorou a polêmica em torno do autor na USE a partir da década de 1990 e lembrou que o controle universal das obras deve ser feito com médiuns de outros países e também não espíritas. Esclareceu-se, por fim, que as obras de André Luiz são subsidiárias — e não complementares — à codificação.

Transformar pessoas em instrumentos

Ao tratar da aplicação prática, a mesa distinguiu três públicos-alvo do centro espírita: a palestra, voltada ao público geral; o estudo aprofundado, para pessoas capacitadas; e a pesquisa, ressaltando que o centro não é um instituto de pesquisa. A grande contribuição de André Luiz, concluiu-se, é transformar as pessoas em instrumentos melhores para o trabalho da casa. Houve concordância quanto à contínua relevância de seus livros — nos aspectos teológico e operacional — e quanto à necessidade de estudo e aplicação continuados das obras de Kardec e de André Luiz. Valorizou-se o espaço de debate proporcionado pela USE e reiterou-se a importância da união e da tolerância entre ambos os lados. Não houve divergências relevantes; o tempo foi suficiente e a interação, adequada. ☼

O engajamento dos jovens no **centro espírita**

Diretores de Mocidade defendem que o afastamento dos jovens não nasce de desinteresse, mas da falta de acolhimento e de protagonismo — e propõem ambientes de identificação, estudo consistente e inserção plural nas tarefas da casa.

Sob a mediação de Vinícius Mantovani, do departamento de Mocidade da USE, e com a participação dos debatedores Lucas Evangelista, dirigente do DM2, região Centro-Leste, e Lucas Soares, diretor de Mocidade da USE Regional da Baixada Santista e Vale do Ribeira, a roda de conversa examinou por que os jovens se aproximam — e por que se afastam — das casas espíritas.

O que afasta os jovens

O ponto de partida foi um diagnóstico: as atividades de mocidade costumam funcionar de maneira desassociada da rotina geral da casa espírita. A mesa apontou ainda uma cobrança desproporcional, em que dirigentes exigem de jovens de 13 a 20 anos um grau de fidelidade evangélica, conhecimento e disciplina doutrinária que os próprios adultos levaram décadas para consolidar — desconsiderando que o jovem está no início de sua constituição reencarnatória e física. O cerne do problema, defenderam os debatedores, não é o desinteresse nato do jovem, mas a falta de trabalhadores preparados para recebê-lo e o esquecimento, pelos adultos, da própria jornada de aprendizado. Recorreu-se à questão 621 de *O livro dos espíritos* para lembrar que as quedas morais derivam do esquecimento da lei de Deus.





Identificação e protagonismo

O engajamento, sustentou a mesa, ocorre quando o jovem encontra pontos de identificação no ambiente e é convidado a ser protagonista ativo, e não mero assistente passivo, em atividades de linguagem lúdica e dinâmica. Refutou-se a ideia de que a atratividade dependa apenas de melhorias materiais — reformas, poltronas, decoração: uma pesquisa citada, feita com mil jovens, apontou que 70% frequentam a mocidade pelo desejo real de aprender a Doutrina. O estudo de conteúdo consistente foi descrito como uma “vacina para o coração” contra as investidas do mundo e o desespero, inclusive o suicídio.

Experiências que aproximam

Os relatos práticos deram concretude ao debate. Lucas Soares contou que, na mocidade em que atua com o irmão, em Itanhaém, um grupo inicialmente tímido ganhou abertura depois que seu irmão compartilhou o gosto pessoal pela animação *One Piece*. Lembrou-se também o exemplo de uma antiga professora de evangelização da Baixada Santista, que fortalecia os laços com encontros informais após as aulas. Apresentou-se ainda uma dinâmica sobre transição planetária feita com um jogo de tabuleiro adaptado, em que os participantes atravessavam situações cotidianas inspiradas em *O livro dos espíritos*. A mesa recorreu a figuras jovens do Evangelho e da história — Maria de Nazaré, João Evangelista, Tito e Timóteo.

Aprender errando

Como encaminhamentos, a mesa propôs estruturar ambientes em que os jovens verdadeiramente queiram estar, por identificação e não por imposição; abrir-lhes qualquer tarefa em que manifestem aptidão — recepção, assistência, passes, palestras em dupla, preces, operação de som —, com a devida tutela e tolerância aos erros naturais do aprendizado; formar em cadeia pequenos grupos de trabalhadores dedicados, à maneira do modelo de Jesus com os apóstolos; e rever criticamente formatos engessados, como as reuniões públicas com palestras longas e estáticas, buscando pontes entre a linguagem participativa da mocidade e a rotina institucional da casa. ☼

Momento **USE** 80 anos





Das origens à rede de hoje

A mesa recordou que, em julho de 1947, cerca de 550 centros espíritas participaram do primeiro Congresso em São Paulo e assinaram a criação da USE, em resposta à falta de organização e de orientação comum entre as casas. Entre os primeiros trabalhos esteve o recenseamento dos centros e adeptos, que revelou a dimensão do movimento espírita paulista. Hoje, são cerca de 1.300 centros filiados, embora persistam lacunas em quase 200 cidades do estado — dado que a conversa tomou como medida do que ainda há por fazer.

Os participantes reafirmaram que a USE existe para servir e apoiar os centros espíritas, considerados a célula fundamental do movimento, sem interferir em sua autonomia ou identidade, atuando como fórum de intercâmbio e de apoio doutrinário e institucional. Sob o princípio de que “a USE somos todos nós”, destacou-se o caráter coletivo e colaborativo da entidade. O modelo federativo paulista foi apontado como inovador, por priorizar a representação dos centros, e não de pessoas físicas, como ocorre em outras federações.

Uma rede viva

A USE foi descrita como uma “rede viva”, formada por pessoas conectadas pelo trabalho conjunto, pela amizade e pela solidariedade. Esse trabalho em rede, observou-se, propicia a troca de experiências, campanhas conjuntas — como “Viver em Família” e “Comece pelo Começo” — e o apoio mútuo, sem centralização: as decisões cabem a conselhos executivos e deliberativos compostos por representantes regionais. A mesa sublinhou a necessidade de tolerância, diálogo e respeito, tanto internamente quanto na relação com outras religiões.

Desafios para o novo tempo

Voltada ao futuro, a conversa incentivou a reflexão sobre o movimento espírita diante das mudanças do pós-pandemia, com atenção especial à participação dos jovens e ao uso da internet. Discutiu-se a evasão de trabalhadores e frequentadores das casas e a importância de tornar o ambiente acolhedor e atualizado. O lema atribuído a Kardec — trabalho, solidariedade e tolerância — foi reafirmado como fundamento para essa nova etapa. Entre as perguntas que ficaram para a comunidade espírita: como garantir maior integração e representatividade dos centros ainda não filiados; como enfrentar a evasão de jovens e trabalhadores; e quais frutos se deseja plantar para o futuro do movimento.

Como encaminhamentos, sugeriu-se replicar e aprofundar as discussões do Congresso nas bases regionais e locais da USE e enfatizou-se a urgência da unificação — sem precipitação, valorizando o processo paciente e contínuo. O encerramento foi marcado pela gratidão aos pioneiros e pelo compromisso de fortalecer o movimento com fraternidade, em uma mensagem musical que reafirmou o amor fraternal como base do trabalho espírita. ☀

1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita

O 19º Congresso Estadual de Espiritismo, além de oferecer as atividades já conhecidas de conferências e rodas de conversa, ofereceu mais uma oportunidade aos congressistas de expor e compartilhar seus próprios estudos com os demais participantes. Assim, foi aberto espaço para que o congressista pudesse participar de modo ainda mais ativo, não apenas ouvindo os expositores e conferencistas e fazendo perguntas e comentários.

Organizado pela
Assessoria de Ciência e

Pesquisa Espírita, aconteceu o 1º Encontro de Ciência e Pesquisa Espírita (EnCPE) da USE com a apresentação de trabalhos em seções orais ao longo do segundo dia, sábado, dia 19 de junho.

Neste primeiro Encontro, não foi necessário que o trabalho fosse inédito, sendo importante, porém, que o estudo estivesse embasado nos princípios da Doutrina Espírita, conforme as obras fundamentais de Kardec, ou de interesse espírita como assuntos de história do movimento espírita ou relações entre outras áreas do conhecimento e o espiritismo.

Secularismo e novas espiritualidades: desafios para o espiritismo no século XXI
Fernando de Oliveira Porto

A relevância da Revista Espírita no desenvolvimento do corpus doutrinário do espiritismo
Adair Ribeiro Júnior

Filosofia e espiritismo: por que estudar a doutrina e suas correlações com a filosofia tradicional
Miriam Regina Zillo

A importância da Revista Espírita: uma análise epistemológica
Luiz Fuchs

A responsabilidade do comunicador social na divulgação espírita
Katia Danielli Pelli de Oliveira

As perguntas de Kardec e as respostas dos Espíritos: o que foi mais decisivo para o espiritismo?
Ricardo Andrade Terini

Curso de médiuns on-line: proposta e resultados
Jerson Botaro

Avaliação de mensagens mediúnicas
Andréa Laporte Milani

Inteligência Artificial como geradora da criação de painéis e do estudo espírita
Paulo Henrique Sanchez

Evocações mediúnicas: uma análise empírica intergrupos
Marco Milani

A importância da arte para a evolução moral do homem
Miriam Regina Zillo

Desenhos mediúnicos e sua manifestação nas reuniões mediúnicas sérias: um estudo observacional multigrupos
Cláudio M. Marins



Seção 1: Aspectos filosóficos e sociais do espiritismo

Secularismo e novas espiritualidades: desafios para o espiritismo no século XXI

Fernando de Oliveira Porto

USE Distrital da Casa Verde - São Paulo - SP

A secularização é compreendida como um processo histórico e social de perda de influência da religião sobre esferas como o Estado, a política, a educação e a vida pública, associado ao desenvolvimento da modernidade ocidental desde a Reforma Protestante, passando pelo Iluminismo e pelas revoluções dos séculos XVIII e XIX, até sua intensificação com a industrialização e a expansão da educação laica nos séculos XIX e XX. Contudo, ao contrário de previsões de declínio, o fenômeno religioso não desapareceu, mas se reconfigurou no contexto de uma sociedade pós-moderna, marcada pelo pluralismo, pela diversidade e pela fragmentação, bem como pela relativização das grandes narrativas e da descrença no progresso linear e na razão universal.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os principais desafios que o Espiritismo enfrentará no século XXI, sob a ótica do autor, considerando a crise das religiões, o avanço do secularismo e as novas expressões de espiritualidade na contemporaneidade.

Diante desse cenário, busca-se refletir sobre como o Movimento Espírita se posiciona frente às intensas transformações da sociedade contemporânea. Nesse sentido, algumas questões se impõem: como tem sido o diálogo com a ciência e com a racionalidade moderna? Como o espiritismo tem sido apresentado, no sentido de se diferenciar das novas formas de espiritualidade que atraem jovens e públicos urbanos? Quais estratégias ou adaptações em sua divulgação são necessárias para manter relevância social, sem prejuízo da fidelidade aos princípios espíritas?

Para tanto, apresentam-se propostas de ação prioritárias por parte do Movimento Espírita organizado, visando à superação dos desafios atuais. Um eixo central para sua atualização no contexto contemporâneo consiste em promover o reconhecimento do espiritismo como uma proposta de espiritualidade simultaneamente racional, moral e experiencial, não circunscrita a um rótulo religioso. Nesse sentido, delineiam-se quatro frentes complementares de ação.

Em primeiro lugar, a afirmação do espiritismo como campo passível de investigação no âmbito da ciência, cujos estudos devem ser incentivados, especialmente entre a juventude espírita, a fim de promover uma abordagem crítica e sistemática de seus fundamentos.

Em segundo lugar, sua apresentação como uma proposta voltada ao bem-estar integral do ser humano, com potenciais contribuições para a promoção da saúde mental. Em terceiro lugar, o fortalecimento da dimensão experiencial, por meio da ampliação das oportunidades de participação ativa dos frequentadores, superando a passividade institucional e estimulando o desenvolvimento responsável da prática mediúnica como forma de vivência do aspecto espiritual.

Por fim, uma maior incorporação das tecnologias digitais e o uso mais amplo das mídias sociais como instrumentos de difusão e diálogo, favorecendo uma inserção mais efetiva dos espíritas no debate público contemporâneo. ❀



Seção 1: Aspectos filosóficos e sociais do espiritismo

Filosofia e espiritismo: por que estudar a doutrina e suas correlações com a filosofia tradicional

Miriam Regina Zillo.

Núcleo Espírita de Filosofia - São Paulo - SP

Segundo Herculano Pires, “Na verdade, a Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.” (1)

Ao estudar esse livro, percebemos a importância deste estudo para compreender melhor as raízes da doutrina uma vez que o próprio Kardec nos fala que “ela é eterna e que precursores prepararam o caminho”. (2)

A base da doutrina está na história do pensamento e, portanto, na filosofia e na ciência como também nas artes. Esse projeto faz um estudo integrado do Espiritismo em seus três pilares principais -- ciência, filosofia e moral -- salientando e incentivando para esse estudo que leva a uma compreensão mais profunda da essência da doutrina afim de que seja divulgada como Kardec nos ensinou.

O mais importante desta pesquisa integrada com a filosofia tradicional foi perceber o quanto é necessário para os dirigentes, expositores, palestrantes, divulgadores e estudantes a busca das bases do pensamento espírita transmitida pelos Espíritos e por Kardec de maneira sintética e que é preciso detalhá-la para ter um conhecimento perfeito daquilo que se quer entender e apreender para fortalecer a fé na vida futura.

“A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender.” (3) Outro ponto primordial a ser destacado, é a responsabilidade de passar um conhecimento esclarecedor para se evitar a criação de dogmas que não pertencem à doutrina e que podem levar a um entendimento equivocado de seus princípios.

“Evitar a incoerência, as ambiguidades conceituais, a linguagem excessivamente devocional”, (4) evitando fixar-se somente no lado “igrejeiro” da doutrina - “Mais grave é a atitude daqueles que, sob influência atávica da subordinação dogmática aos textos canônicos, procuram estancar o conhecimento, reduzindo-o à repetição de fórmulas antigas e recusando o avanço proporcionado pela investigação racional e científica.” (4) Para melhor entender a importância da correlação com a filosofia tradicional, está, na introdução do Evangelho, os filósofos Sócrates e Platão como precursores do espiritismo anunciando a imortalidade da alma, a reencarnação e o esquecimento assim como a doutrina da escolha das provas. (5)

Ainda nesse estudo procura-se preservar coerência com a proposta kardequiana de progresso do saber pela investigação racional, mantendo a fidelidade ao Espiritismo ao usar a razão, o bom senso e a crítica nas pesquisas. Somente desse modo a doutrina cumpre sua verdadeira função: “consolar pelo esclarecimento, orientar pelo conhecimento e participar do movimento incessante de progresso que conduz o Espírito à compreensão mais lúcida de si mesmo e das leis que regem a vida, conduzindo-o à prática do bem.” (4)

Referências

- (1) PIRES, J.H., *Introdução à filosofia espírita*, cap. A Tradição Filosófica, Ed. Paideia 1983 p. 14.
- (2) KARDEC, A., *O livro dos espíritos*, perg. 145.
- (3) KARDEC, A., *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XIX, A fé transporta montanhas, A fé religiosa, Condição da fé inabalável, item 7.
- (4) MILANI, M.. “Espiritismo: Além do Evangelho”, *Revista Dirigente Espírita* 211, mar/abr 2026, p. 38. Link de acesso: <https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2026/03/rdDE-211.pdf>. Acessado em 06 de junho de 2026.
- (5) KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução, item V., Ed. FEB 2013. ❀



Seção 1: Aspectos filosóficos e sociais do espiritismo

A responsabilidade do comunicador social na divulgação espírita

Katia Danielli Pelli de Oliveira

São Paulo - SP

A expansão das plataformas digitais ampliou significativamente as formas de circulação de ideias na sociedade contemporânea. No campo espírita, canais como *YouTube*, *podcasts* e redes sociais passaram a desempenhar papel relevante na divulgação da Doutrina, permitindo que conteúdos alcancem públicos mais amplos.

Nesse ambiente digital, o comunicador espírita assume função importante como mediador entre o conteúdo doutrinário e o público que o consome. Muitos materiais compartilhados nas redes acabam se tornando referência para a compreensão de conceitos espíritas, influenciando percepções e interpretações sobre a Doutrina.

O problema que orienta este estudo consiste em compreender em que medida os canais espíritas mais acessados nas plataformas digitais contribuem para a preservação da coerência doutrinária ou, ao contrário, favorecem a difusão de interpretações que se afastam das bases estabelecidas pela

Codificação de Allan Kardec. Parte-se da hipótese de que popularidade e alcance digital não constituem, por si só, indicadores de qualidade doutrinária.

Para a análise, adotou-se abordagem qualitativa baseada na observação de conteúdos divulgados por alguns dos canais espíritas com maior audiência nas plataformas digitais. Consideraram-se aspectos como a proximidade das explicações com as obras da Codificação, a distinção entre opinião pessoal e ensinamento doutrinário e a presença de elementos sincréticos ou interpretações espiritualistas não fundamentadas nas obras de Kardec.

Os resultados indicam a existência de dois perfis de comunicação espírita nas mídias digitais. De um lado, observam-se canais que procuram fundamentar suas exposições nas obras da Codificação e incentivar o estudo direto da Doutrina. De outro, identificam-se canais que misturam conceitos de diferentes correntes espiritualistas ou apresentam narrativas mediúnicas e interpretações pessoais como se fossem ensinamentos doutrinários.

Esse contraste revela que alguns conteúdos com maior engajamento nas redes costumam utilizar narrativas emocionais ou especulativas que extrapolam os fundamentos doutrinários, enquanto canais voltados ao estudo sistemático das obras de Kardec tendem a apresentar menor alcance nas plataformas digitais. Constata-se, assim, que o comunicador espírita ocupa posição estratégica na forma como o Espiritismo é apresentado ao público. Ao utilizar meios digitais de grande alcance, sua atuação passa a influenciar diretamente a compreensão da Doutrina por parte de muitos interessados.

Conclui-se que a divulgação espírita nas mídias digitais exige não apenas capacidade de comunicação, mas também responsabilidade doutrinária. Torna-se essencial deixar clara a distinção entre ensinamento doutrinário e interpretação pessoal, contribuindo para uma compreensão mais fiel da Doutrina. ☼



Seção 2: Temas diversos e o espiritismo

Curso de médiuns on-line: proposta e resultados

Katia Marlene Nogueira, Jerson Bottaro, Sonia Mello, Edna Dourado, Carlos Ferreira, Jurema Espanhol, João Dias, Rubens Costa, Márcia Assis, Márcia Xavier, Fernando Duarte, Maria Marta, Sandra Pizarro, Rita Cortes, Maria do Carmo, Ademar Ribeiro, Regina Célia, Carlos Bertolini, Neusa Netto, Teresinha Bottaro e Sonia Fascina.

Aliança Espírita Evangélica - São Paulo - SP

Por conta do afastamento social imposto pela covid19 e a necessidade de dar continuidade aos grupos de estudo e formação de médiuns, foi proposto ao nosso Conselho a aplicação do nosso programa presencial, com alguns ajustes, para a modalidade online, uma vez que já tínhamos uma experiência de aplicação das aulas práticas sem a presença da equipe dirigente do curso, para os alunos em outros estados do Brasil e no exterior.

Para os cursos autorizados e desenvolvidos, a equipe do projeto acrescentou 12 aulas ao programa presencial já existente, com objetivo de treinar os alunos na sua concentração por estarem em suas residências, com fluxo de pessoas e animais para evitar desvios durante o treinamento.

O ponto de maior atenção e preocupação com a adoção deste modelo estava centrado nas aulas práticas com a necessidade da psicofonia por estarem

os alunos em suas residências e como resolver a situação caso tivéssemos alguma intercorrência.

Durante a realização dos cursos ligados ao projeto ocorreram três casos de descontrole do aluno quando da psicofonia e que teve atuação imediata do dirigente que adotou o mesmo critério quando ocorre no presencial, chamando o aluno pelo seu nome, para seu total despertamento, enquanto os demais permanecem em vibrações.

Para o curso on-line, a duração de cada aula foi alterada de 01h30 para 02h00. Os cursos foram desenvolvidos nas plataformas *Zoom* e *Google Meet* com aulas expositivas e práticas. Para as aulas práticas os alunos foram divididos em salas com máximo de 10 alunos por sala e 2 da equipe dirigente e o método de condução das aulas seguiu a mesma orientação de quando a aula é presencial.

O curso se mostrou eficaz e os resultados auferidos também e ao final aprovado pelo nosso Conselho. Foram 19 dirigentes; 33 membros na equipe de apoio; 291 alunos inscritos; 145 alunos completaram o curso; 123 alunos fizeram estágio; 57 alunos estão trabalhando na forma presencial e 36 alunos na forma on-line.

Referências

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns; A gênese; O livro dos espíritos; O evangelho segundo o espiritismo.*

ARMOND, Edgard. *Passes e radiações; Mediunidade; Desenvolvimento mediúnico; Métodos espíritos de cura.*

LUIZ, André / XAVIER, F. C. *Os mensageiros; Missionários da luz; Nos domínios da mediunidade; Mecanismos da mediunidade; Desobsessão.* ☀



Seção 2: Temas diversos e o espiritismo

Inteligência Artificial como geradora da criação de painéis e do estudo espírita

Paulo Henrique Sanchez

Centro Espírita Casa Simão Pedro - São Paulo - SP | Núcleo Espírita Emmanuel - São Paulo - SP

A inteligência artificial generativa vem se tornando uma ferramenta relevante para educação, pesquisa, síntese de conhecimento e apoio à organização de materiais didáticos, desde que seu uso permaneça subordinado à curadoria humana, ao senso crítico e à finalidade pedagógica.

Neste trabalho apresentamos um relato de experiência sobre o uso de IA para acelerar a criação de painéis, palestras e trilhas de estudo no contexto espírita, utilizando como base fontes doutrinárias, como Kardecpedia, associadas a referências científicas e ferramentas de organização cognitiva, especialmente NotebookLM e GPT/ Gemini/ Claude.

O método parte de uma premissa central: a IA não substitui o expositor, o pesquisador ou o estudante, mas funciona como uma alavanca de velocidade, coerência e estruturação.

Assim como um carro superesportivo sem piloto não chega a lugar algum, a IA sem repertório, direção e curadoria humana tende a produzir respostas superficiais ou desalinhadas. No fluxo proposto, o expositor seleciona previamente o tema, alimenta o NotebookLM com fontes doutrinárias confiáveis, como tre-

chos de Kardecpedia, e solicita à ferramenta uma primeira organização do conteúdo.

O NotebookLM opera a partir das fontes fornecidas pelo usuário, podendo apoiar resumos, exploração guiada, mapas mentais e revisões em áudio, sempre refletindo o material carregado como base. Em seguida, o conteúdo estruturado é levado a uma IA generativa, para aprofundamento, cruzamento com elementos científicos, organização didática e construção de uma narrativa em formato de painel.

A partir desse processo, torna-se possível transformar referências dispersas em uma sequência pedagógica com introdução, desenvolvimento, pontos de tensão, convergências, analogias responsáveis, notas metodológicas e referências.

O resultado observado foi expressivo: um painel que tradicionalmente poderia exigir cerca de dois dias de preparação foi estruturado em poucos minutos, internalizado em aproximadamente vinte minutos e apresentado em quarenta minutos, sem que isso eliminasse a necessidade de domínio prévio do tema pelo expositor.

O problema central enfrentado é a lentidão na organização de estudos, palestras e materiais didáticos quando o expositor precisa cruzar doutrina, ciência, filosofia e linguagem acessível.

A proposta mostra que a IA pode ampliar velocidade, dinamismo e coerência, para favorecer a pedagogia do estudo espírita sem substituir discernimento, leitura direta das obras e responsabilidade interpretativa.

Em perspectiva mais ampla, centros espíritas, expositores e estudantes podem utilizar esse modelo para criar painéis, cursos, apostilas e revisões multimodais, desde que mantenham a IA como ferramenta de apoio, e não como autoridade doutrinária ou intelectual.

Referências

- (1) MIAO, Fengchun; HOLMES, Wayne (2023). *Guidance for generative AI in education and research*. Paris: UNESCO, 2023. DOI: [10.54675/EWZM9535](https://doi.org/10.54675/EWZM9535).
- (2) OECD (2023). *OECD Digital Education Outlook 2023: Towards an Effective Digital Education Ecosystem*, OECD Publishing, Paris. DOI: [10.1787/c74f-03de-en](https://doi.org/10.1787/c74f-03de-en). 



Seção 2: Temas diversos e o espiritismo

A importância da arte para a evolução moral do homem

Miriam Regina Zillo

São Paulo - SP

Este trabalho pretende mostrar em uma análise simplificada, a relação entre a produção de obra de arte e a evolução moral do homem, levando em consideração os afetos produzidos e recebidos em sua contemplação. “A beleza é um dos atributos divinos. Deus pôs nos seres e nas coisas esse encanto misterioso que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração, às vezes de entusiasmo.” (1)

A verdadeira arte expressa o Bom, o Belo e a Beleza. Sua massificação em todos os campos do conhecimento, envolvendo o interesse financeiro e cultural pode afetar o homem no seu desenvolvimento moral, embotando o raciocínio e cerceando seu livre arbítrio, alienando-o do pensamento autônomo.

A arte produzida em massa hoje é privada de conteúdo, principalmente na música, provocando um embotamento mental mecânico e repetitivo. “Tudo está no marasmo, e nada, a não ser o que se liga diretamente à fúria positivista do século, tem chance de ser apreciado favoravelmente.” (2) Poderia a Arte ser um caminho em que o homem pudesse concluir ou confiar a fim de alcançar um mundo melhor para

viver, elevando o progresso moral e ético da humanidade?

A arte politicamente engajada que pode afetar o homem e sua consciência, como dever de cidadão, a participar das controvérsias sociais, posicionando-se a favor ou contra. “Dissemos que o objetivo essencial da arte é a procura e a realização da beleza; é, ao mesmo tempo, a procura de Deus, pois que Deus é a fonte primeira e a realização perfeita da beleza física e moral. Quanto mais a inteligência se apura, se aperfeiçoa e se eleva, mais se impregna da ideia do belo. O objetivo essencial da evolução, portanto, será a procura e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e nas suas obras. Tal é a norma da alma na sua ascensão infinita.” (1)

O homem materializado pelo dinheiro carrega fardos de servidão, tornando-se bruto, insensível e a sensibilidade o repele como uma criatura sórdida, baixa. A ganância pelo dinheiro ou poder despoetiza o homem e ele passa a ser amargo.

A arte tem a reputação de se relacionar com o belo, bem e virtuoso, que são também valores espirituais desinteressados e que contribuem para que a existência humana se eleve acima da materialidade, da mesquinharia. Ao se aconchegar no belo o Espírito se protege da brutalidade do mundo e eleva-se em pensamento para uma natureza acima do animal.

A música tem esse poder de penetrar no âmago do homem, libertando-o, por momentos, dos fardos da servidão. “Literatura, Arquitetura, Pintura, História, tudo receberá do aguilhão espírita o novo batismo de fogo necessário para dar energia e vitalidade à sociedade expirante, porque ela terá insculpido no coração daqueles que a aceitarem, um ardente amor pela Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino.” (2)

Referências

- (1) DENIS, L. (2017). *O espiritismo na arte*, versão digitalizada em novembro 2017 pelo Portal Luz Espírita, Parte I, p. 7.
- (2) *Revista Espírita* – 1869 > Janeiro > Dissertações espíritas > “As artes e o Espiritismo”. 



Seção 3: *Revista Espírita* e o desenvolvimento da Doutrina

A relevância da *Revista Espírita* no desenvolvimento do corpus doutrinário do espiritismo

Adair Ribeiro Júnior

Museu AKOL - São Paulo - SP

O lançamento de *O livro dos espíritos* em abril de 1857 por Allan Kardec marcou o início formal do Espiritismo na França. Entre 1857 e 1869, foi produzida a literatura que constitui o seu corpus doutrinário.

O desenvolvimento e a consolidação da doutrina espírita ocorreram especialmente por meio dos cinco livros mais conhecidos: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns: ou guia dos médiuns e dos evocadores*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno e a justiça divina segundo o espiritismo* e *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*.

A publicação mensal da *Revista Espírita* foi iniciada por Kardec em janeiro de 1858.

O artigo analisa o papel do periódico como ferramenta essencial para o desenvolvimento do corpus doutrinário do espiritismo no século XIX. A

metodologia empregada para esta análise fundamenta-se na comparação da escrita, das ideias e dos temas abordados em centenas de artigos publicados nas fontes primárias compostas por cento e trinta e seis edições originais da revista francesa, sob a responsabilidade direta de Allan Kardec, cobrindo o período de janeiro de 1858 a abril de 1869.

O estudo demonstra que a *Revista Espírita* desempenhou papel fundamental na elaboração de conteúdos que foram incorporados e consolidados nos cinco livros básicos espíritas e nas suas edições revisadas. A pesquisa também analisa como o periódico funcionou como um fórum para debates, experimentação de hipóteses, registro de fenômenos mediúnicos e para o amadurecimento e refinamento das ideias espíritas.

Além disso, a *Revista Espírita* se apresenta com valioso valor historiográfico, documentando e permitindo compreender o contexto do surgimento do espiritismo. Ela também revela o processo criterioso e de caráter científico utilizado por Kardec para construir a doutrina, baseado na observação, análise crítica e “verificação universal”, contendo informações complementares e preenchendo lacunas, que ajudam em uma melhor compreensão das obras básicas.

Concluimos que o periódico foi o eixo articulador do processo de construção dos textos doutrinários, que permitiu a lapidação e o aprimoramento contínuo da doutrina, garantindo que o espiritismo se estabelecesse como um corpo de conhecimento coerente, passível de estudo e em constante evolução, distinto das religiões ditas dogmáticas, como defendido pelo seu fundador, e alinhado aos princípios da razão e da ciência de sua época. ☼



Seção 3: *Revista Espírita* e o desenvolvimento da Doutrina

Revista Espírita e o desenvolvimento da
Doutrina

A importância da *Revista Espírita*: uma análise epistemológica

Luiz Fuchs
São Paulo - SP

A *Revista Espírita*, publicada entre 1858 e 1869 sob a direção de Allan Kardec, constitui um dos documentos centrais para a compreensão do Espiritismo. Frequentemente lida apenas como registro histórico ou complemento da Codificação, sua função efetiva no processo de formação da doutrina permanece, em grande medida, subestimada.

Este trabalho propõe analisar a importância deste periódico a partir de uma perspectiva epistemológica, evidenciando seu papel na construção do conhecimento espírita.

No contexto do século XIX, mar-

cado pela emergência de fenômenos mediúnicos e pela ausência de critérios claros de validação, a *Revista Espírita* surge como um espaço de organização, análise e interpretação desses fenômenos.

Longe de se limitar à divulgação de conteúdos, ela opera como um ambiente estruturado de investigação, no qual comunicações mediúnicas, relatos de experiências e reflexões teóricas são reunidos, comparados e criticamente examinados.

O problema central que orienta este estudo consiste em determinar em que medida a *Revista Espírita* pode ser compreendida não apenas como veículo de divulgação, mas como instrumento ativo de produção do conhecimento.

A análise demonstra que ela desempenha três funções fundamentais: laboratório de investigação, construção da identidade doutrinária e antecipação de ideias da Codificação.

Como resultado, sustenta-se que a *Revista Espírita* constitui um dispositivo epistemológico, revelando o processo de construção do pensamento kardeciano e ocupando posição central na compreensão do método espírita. ❀



Seção 3: *Revista Espírita* e o desenvolvimento da Doutrina

As perguntas de Kardec e as respostas dos Espíritos: o que foi mais decisivo para o espiritismo?

Ricardo Andrade Terini

Grupo de Estudos Espíritas Ondqs de Amor - São Paulo - SP

“Fazer as perguntas certas é mais importante do que encontrar a resposta para elas”, afirmava Henri Poincaré, matemático, físico e filósofo francês de reconhecida habilidade em elaborar perguntas eficazes para desafiar as fronteiras do conhecimento.

Questionários podem ser utilizados para diferentes finalidades: identificação, avaliação do conhecimento, estímulo à atenção e à reflexão, complemento de esclarecimentos, direcionamento de um assunto.

No livro *Obras póstumas*, Allan Kardec narra que, quando começou a frequentar as sessões de mesas girantes na casa do sr. Baudin, procurou nelas resolver problemas que lhe interessavam sobre psicologia, filosofia e natureza do mundo invisível. Em cada sessão, com base em sua experiência pedagógica, apresentava perguntas preparadas metodicamente, que eram respondidas com lógica e profundidade.

Assim, o caráter das reuniões, em geral frívolas, mudou totalmente, e, quando ele precisava faltar, os presentes perdiam todo o interesse. Tais questões iniciais, desenvolvidas e complementadas, formaram a base da 1ª edição de *O livro dos espíritos*.

A continuidade dessas questões, propostas por Kardec então para mais médiuns e outros Espíritos, permitiu o desenvolvimento da obra e a publicação da 2ª edição ampliada. Assim como atualmente, algumas pessoas achavam que seria preferível aguardar a manifestação dos Espíritos e os temas escolhidos por eles para seus ensinamentos, ao invés de questioná-los. Kardec, porém, afirmava que isso seria um erro, e que, agindo assim, teríamos de esperar muito tempo para nos esclarecermos sobre certos assuntos, se não perguntássemos a eles. “Sem as nossas perguntas, *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns* ainda estariam por fazer ou pelo menos seriam muito mais incompletos: numerosos problemas de grande importância estariam ainda por resolver.

Kardec ainda dedicou um capítulo especial d’*O livro dos médiuns* para tratar das Perguntas que se podem fazer aos Espíritos, em que apresentou várias orientações ditadas pela experiência. O questionário deve ser preparado com antecedência, com calma, intercalando questões adicionais no momento da sessão, caso se necessite de esclarecimentos. Nem todas as perguntas agradam os Espíritos, e nem todos eles têm domínio do assunto ou permissão para responder.

As perguntas que entram no campo das pesquisas científicas, por exemplo, não são respondidas ou o são vagamente, porque os Espíritos não podem poupar-nos desse tipo de trabalho. O desafio é atentar para esses conselhos, a fim de que nossa relação com os Espíritos, mesmo hoje, seja mais produtiva e contribua para o progresso do Espiritismo. ✨



Seção 4: Pesquisas espíritas envolvendo a mediunidade

Avaliação de mensagens mediúnicas

Andréa Laporte Milani

Holambra - SP

O estudo das comunicações mediúnicas constitui um tema central na prática espírita, exigindo critérios seguros para distinguir conteúdos legítimos de possíveis equívocos.

Desde a sistematização proposta por Allan Kardec, reconhece-se que os Espíritos diferem em conhecimento e moralidade e que as comunicações podem sofrer interferências, razão pela qual devem ser submetidas a exame rigoroso quanto à coerência lógica, moral e doutrinária. Nesse contexto, o princípio da análise crítica e da concordância dos ensinamentos se apresenta como fundamento para a validação das mensagens.

A comunicação mediúnica consiste na transmissão de conteúdos atribuídos a Espíritos por intermédio de médiuns, ocorrendo em diferentes contextos e com distintos níveis de controle metodológico. Na prática contemporânea, observa-se crescente produção e circulação de mensagens mediúnicas, muitas vezes sem avaliação sistemática, o que amplia o risco de difusão de conteúdos inconsistentes. O problema investigado neste estudo

consiste em compreender como avaliar, de forma criteriosa, a consistência e a confiabilidade de comunicações mediúnicas a partir do exame direto de seu conteúdo, independentemente do grupo ou do médium que as produziu.

A questão de pesquisa é: em que medida as mensagens mediúnicas apresentam padrões de coerência interna e aderência aos princípios doutrinários que permitam inferir sua legitimidade?

O objetivo deste trabalho é analisar comunicações mediúnicas obtidas por diferentes grupos, em ambientes não controlados, tomando como unidade de análise as mensagens individuais.

A pesquisa baseia-se na coleta de comunicações previamente registradas, submetidas à análise qualitativa de conteúdo, a partir de um conjunto de variáveis analíticas: (i) coerência lógica interna da mensagem; (ii) clareza e precisão conceitual; (iii) consistência argumentativa; (iv) adequação moral do conteúdo; e (v) aderência aos princípios doutrinários espíritas. Essas variáveis são examinadas de forma integrada, permitindo avaliar o grau de consistência global das comunicações.

Os resultados indicam que as mensagens apresentam níveis heterogêneos de consistência, sendo possível identificar tanto comunicações com elevada coerência conceitual e doutrinária quanto conteúdos marcados por ambiguidades, imprecisões ou fragilidades argumentativas.

Observa-se que a identificação nominal do comunicante não constitui critério suficiente de validação, reforçando a centralidade da análise do conteúdo. Em uma perspectiva mais ampla, o estudo contribui ao sistematizar um conjunto de variáveis analíticas aplicáveis à avaliação de comunicações mediúnicas em contextos não controlados, oferecendo subsídios para o aprimoramento do discernimento no meio espírita.

Ao deslocar o foco da autoria declarada para a análise estruturada do conteúdo, a pesquisa reforça a importância do exame crítico como instrumento fundamental para a preservação da coerência doutrinária e para uma prática mediúnica mais segura e consciente. ❀



Seção 4: Pesquisas espíritas envolvendo a mediunidade

Evocações mediúnicas: uma análise empírica intergrupos

Marco Milani
Holambra - SP

A mediunidade tem sido tradicionalmente investigada por meio de abordagens qualitativas, com limitada utilização de desenhos comparativos que permitam avaliar a consistência das comunicações em condições controladas.

A evocação mediúnica, conforme sistematizada por Allan Kardec, oferece um contexto adequado para investigação empírica estruturada. A evocação consiste na chamada dirigida de um Espírito específico para responder a questões previamente definidas, em ambiente de recolhimento e sob protocolo metodológico. Nesta pesquisa, múltiplos grupos mediúnicos independentes, sem qualquer interação entre si, realizam evocações idênticas quanto ao Espírito designado e ao conjunto de questões.

As comunicações são registradas, transcritas e submetidas a análise comparativa de conteúdo, permitindo a avaliação de padrões de convergência e divergência entre grupos.

O problema central do estudo consiste em determinar se a variabilidade das respostas mediúnicas está predominantemente associada à identidade do Espírito evocado ou aos médiuns e contextos grupais.

Em termos analíticos, investiga-se a relação entre variância intragrupo e variância intergrupo das comunicações, buscando avaliar a robustez identificatória do conteúdo mediúnico. Neste trabalho, observa-se que a variância intragrupo é sistematicamente inferior à variância intergrupo, isto é, respostas produzidas dentro de um mesmo grupo tendem a apresentar elevada similaridade, independentemente do Espírito evocado, enquanto respostas entre grupos distintos apresentam divergências relevantes. Esse padrão configura um efeito consistente de *cluster* mediúnico, sugerindo forte influência anímica e contextual na produção das comunicações.

Os resultados indicam que o fator “médium/grupo” possui maior poder explicativo sobre o conteúdo das respostas do que o fator “Espírito evocado”, o que contraria a hipótese de identificação mediúnica baseada em convergência intergrupos sob condições controladas.

Em comparação com a expectativa de consistência transversal das comunicações, os achados evidenciam predominância de padrões internos aos grupos, o que impõe limites à inferência sobre autoria espiritual específica.

Em uma perspectiva mais ampla, o estudo contribui ao introduzir um protocolo comparativo replicável e ao demonstrar empiricamente a necessidade de controle metodológico rigoroso na análise de fenômenos mediúnicos.

Os resultados reforçam a importância de considerar a influência anímica e o contexto grupal como variáveis centrais na interpretação das comunicações, oferecendo base para o desenvolvimento de critérios mais robustos de validação no campo. ✨



Seção 4: Pesquisas espíritas envolvendo a mediunidade

Desenhos mediúnicos e sua manifestação nas reuniões mediúnicas sérias: um estudo observacional multigrupos

Cláudio M. Marins

ABRARTE Associação Brasileira de Artistas Espíritas - São Paulo - SP

Médiuns pintores ou desenhistas são aqueles que pintam ou desenhavam sob a influência dos Espíritos. As expressões psicopictografia e pictografia são frequentemente utilizadas para designar essa modalidade de mediunidade, embora não tenham sido empregadas originalmente por Allan Kardec.

Esse tipo de mediunidade sempre esteve presente nos relatos do Codificador, colaborando para o entendimento das manifestações inteligentes. Kardec considerava que o verdadeiro médium de desenho ou pintura era aquele que obtinha trabalhos sérios, não atribuindo valor às produções de Espíritos zombeteiros e levianos, que induzem à realização de coisas grotescas, ridículas ou caricatas.

No Brasil, essa mediunidade ganhou destaque por meio de médiuns que se popularizaram junto ao grande público, contribuindo para a difusão da ideia da imortalidade da alma.

Por outro lado, pouco se conhece sobre a manifestação e possibilidades desse tipo de mediunidade dentro dos grupos mediúnicos. Disso decorre uma limitada compreensão da mediunidade de desenho e pintura mediúnica, frequentemente resumida da seguinte forma: as manifestações pictóricas são válidas apenas se atenderem a requisitos estéticos; os dese-

nhos ou pinturas mediúnicas são produtos somente de Espíritos artistas; e os Espíritos pintam para que suas obras sejam vendidas, a fim de auxiliar financeiramente instituições beneficentes. Entretanto, na atualidade, são frequentes os relatos de trabalhadores vinculados a reuniões mediúnicas sérias nos quais médiuns psicógrafos, de psicofonia, intuitivos ou inspirados manifestam, durante as atividades mediúnicas, um desejo intenso de desenhar, sem compreensão da finalidade ou a utilidade dessa ocorrência.

Diante da escassez de orientações específicas sobre o tema no movimento espírita, tais manifestações costumam gerar dúvidas quanto a sua utilidade, sendo frequentemente ignoradas, desencorajadas, tratadas como fenômeno puramente anímico ou até proibidas de serem manifestas por consideradas sem relevância para a prática mediúnica.

Neste trabalho, revisita-se a utilidade da mediunidade de desenho mantendo-se a perspectiva de Kardec, que compreendia as reuniões mediúnicas sérias como um laboratório do mundo invisível, ressaltando que a instrução espírita também se realiza por meio da observação e do estudo dos fatos que ocorrem nas manifestações dos Espíritos. Foram entrevistados quinze instituições espíritas independentes que admitem manifestações pictóricas em suas reuniões mediúnicas.

Entre as instituições participantes, três possuíam mais de um grupo mediúnico em atividade com a prática do desenho mediúnico. A amostra abrangeu grupos de dez estados brasileiros, além do Distrito Federal.

Verificou-se convergência quanto à finalidade dos desenhos nas reuniões mediúnicas evidenciando-se quatro principais utilidades: podem servir para ilustrar um fato que esteja ocorrendo no mundo espiritual durante a reunião; podem atender à necessidade de algum Espírito expressar-se, especialmente quando ainda não consegue se comunicar de forma oral ou escrita, devido à sua condição na realidade espiritual; podem atuar como elemento de instrução e/ou consolo, trazendo imagens e símbolos com significado ao grupo, ao médium ou à algum encarnado no qual o desenho seja direcionado; bem como percepções e relatos dos médiuns acerca da sensação de alívio psíquico, seja em si mesmos, seja no Espírito comunicante, durante o ato de desenhar.

Observou-se, ainda, convergência nas orientações e esclarecimentos trazidas pelos benfeitores espirituais dos grupos mediúnicos. Dessa forma, demonstra-se que novas pesquisas deverão ser incentivadas para obter-se compreensão ampliada sobre este tipo de mediunidade e suas possibilidades. ☀

A arte no Congresso

O 19º Congresso Estadual de Espiritismo da USE, integrou manifestações culturais e artísticas ao longo de sua programação. A presença da arte no evento cumpriu a função de complementar a exposição doutrinária, estabelecendo momentos de sintonia e reflexão para o público presente.

A programação musical teve início com a ambientação sonora realizada antes das atividades e durante os intervalos. Esse trabalho ficou sob a responsabilidade de Liralcio Ricci, diretor do departamento de Arte da USE, que con-

19^ºcee

19º Congresso
Estadual de
Espiritismo

USE

O Centro Espírita
no tempo

João Evangelista Oliveira Garcia

Plínio Oliveira

duziu as execuções musicais de recepção e transição entre as palestras e debates do congresso, mantendo o ambiente sintonizado com os propósitos elevados do encontro.

Na abertura oficial do evento, coube ao cantor e compositor Plínio Oliveira realizar a apresentação musical que marcou o início formal das atividades. Sua execução de canções voltadas a reflexões profundas integrou os participantes e emocionou os congressistas, demonstrando como a “música espiritualizada” é capaz de preparar o solo íntimo para a assimilação de conceitos elevados.

No sábado, dia 20, a programação cultural apresentou a peça “É agora... ou nunca - A comédia”, encenada pelo grupo Rama Kriya. O texto foi escrito por Lucimar Viana, com direção de Lucienne Cunha e atuação do elenco formado por Rodrigo Giacomini e Lucy Portela. A obra exemplifica a força da arte dramática como instrumento de ensino moral, abordando a temática da reforma íntima



Liralcio Ricci



Teatro Rama Kriya

no plano terrestre e o desapego de futilidades materiais. Por meio do humor e da linguagem cômica, a dramaturgia propôs reflexões rigorosas sobre o reencarne e o aproveitamento das oportunidades de aprendizado frente à evolução espiritual. O roteiro questionou o apego excessivo às necessidades materiais e apontou a tendência recorrente de as pessoas se considerarem detentoras da verdade absoluta.

A encenação destacou características humanas como arrogância, teimosia, melindres, vaidades e a busca por poder, indicando que tais elementos não permanecem após o desencarne. A proposta da comédia foi utilizar o riso para expor fraquezas cotidianas, facilitando a identificação de falhas pessoais pelo público sem o peso do julgamento dogmático. A peça pontuou que a humildade associada à bondade constitui o caminho necessário para preencher o vazio interior e direcionar o indivíduo à compreensão e ao amor, provando que o teatro espírita educa e transforma.



Coral João Cabete

No encerramento do congresso ocorreu a apresentação do Coral João Cabete, sob a regência do maestro André Poeta Lopes. O grupo musical homenageia João Cabete, trabalhador da seara espírita que incentivou o uso da arte como instrumento de educação e sensibilização. Criado para simbolizar a união institucional da USE, o coral funciona de forma intermitente, reunindo em ocasiões especiais integrantes de diversos corais para demonstrar a harmonia entre diferentes frentes do movimento. Para esta apre-

sentação de encerramento, o grupo reuniu cerca de 80 coralistas vinculados a nove agrupamentos vocais do estado de São Paulo:

Coral Cantares (São Paulo)
 Grupo Clarear (São Paulo)
 Coral Minha Canção (São Paulo)
 Coral As Vozes de Francisco (São Paulo)
 Grupo Vozes de Bethânia (São Paulo)
 Coral Vozes da Terra (Jundiaí)
 Coral Jesus de Nazaré

(Itupeva)

Coral Sociedade Fraterna
 Ivanir Caurim (São Paulo)
 Coral FEESP (São Paulo)

A execução conjunta das vozes sob a regência de André Poeta Lopes encerrou as atividades do congresso, consolidando os momentos de convivência fraterna entre os participantes e marcando o encerramento oficial da edição, reafirmando que a arte e os ensinamentos e reflexões propostos pela doutrina caminham unidas no propósito de melhoria íntima do ser humano. ☀



684

Total de inscritos

9

Estados brasileiros

Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná,
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São
Paulo

Estado de São Paulo

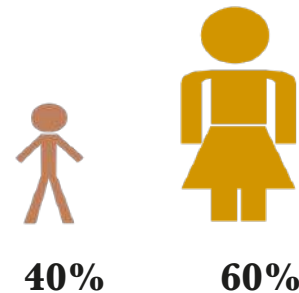
Cidades = 88

Instituições espíritas: 302

Congresso

em dados

Gênero



204	São Paulo
12	São Bernardo do Campo
11	Guarulhos
9	São José dos Campos

Faixa Etária

8	Santos, São Caetano do Sul
7	Marília, Osasco, Piracicaba
6	Araraquara, Campinas, Carapicuíba, Ourinhos, Peruíbe, Santo André
4	Mauá, São Sebastião
3	Bertioga, Cotia, Fernandópolis, Ibiúna, Itapeva, Jacareí, Matão, Ribeirão Preto, Santana do Parnaíba, Sumaré
2	Barueri, Cachoeira Paulista, Campina do Monte Alegre, Franca, Guararema, Holambra, Itanhaém, Itapevi, Itu, Jundiaí, Mogi das Cruzes, Registro, Ribeirão Pires, São Carlos
1	Americana, Bauru, Bragança Paulista, Caçapava, Campos do Jordão, Capivari, Francisco Morato, Ilha Comprida, Itapeçerica da Serra, Itatiba, Jaboticabal, Jandira, Jequitanga, Laranjal Paulista, Limeira, Lins, Mairinque, Mairiporã, Piracaia, Praia Grande, Presidente Venceslau, Rancharia, Santa Isabel, São José do Rio Preto, São Miguel Arcanjo, Sorocaba, Taubaté, Vargem Grande Paulista, Votuporanga

Até 29 anos: 14%
 30 a 44 anos: 15%
 45 a 59 anos: 33%
 60 a 74 anos: 35%
 75 anos ou mais: 3%

Mais novo: 22 anos
 Mais idoso: 93 anos

Mediana = 53 anos



Notas



Agradecimentos

À **Sicredi** Sistema de Crédito Cooperativo pelo patrocínio e pelas canetas ofertadas aos congressistas.

À diretoria da **APCD** pela acolhida às instalações e utilização de sua sede.

Ao casal **Esterlita Moreira e Maurício Romão** pela decoração do evento com flores adquiridas no Ceasa.

À **Angela Bianco** que coordenou a montagem da infraestrutura do Congresso e também a distribuição das tarefas pelos voluntários.

Ao **José Silvio Gaspar**, pelo café e lanches oferecidos aos congressistas nos intervalos das atividades do Congresso.

Aos **Anjos da guarda**, diretores da Diretoria Executiva, que acompanharam os conferencistas desde a chegada até o seu retorno.

Ao **Norberto Tomasini** pelo trabalho especial de transcrição e resumo das conferências e rodas de conversa para a elaboração destes Anais, utilizando-se de recursos de Inteligência Artificial.

A todos os **Congressistas** presentes ao 19º Congresso Estadual de Espiritismo.

Sessão de Autógrafos

Durante os dias do Congresso, foram realizadas sessões de Autógrafos com autores presentes:

* Adair Ribeiro Júnior

* Alberto Almeida

* Alexander Moreira-Almeida

* Angela Bianco

* Antonio Cesar Perri de Carvalho

* Carlos Seth Bastos

* Cosme Massi

* Mônica Etes Soares

* Nadia Luz

* Pedro de Campos

* Ricardo Andrade Terini

* Rossandro Klinjey

Estandes

A **Fraternidade Sem Fronteiras** estava em estande com venda de produtos para o projeto de ajuda humanitária na África.

Conecta Espiritismo Campinas 2027.

Editora **O Clarim** e a **Revista Internacional do Espiritismo.**

Editora EME.

Editora CCDPE-ECM Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo
Eduardo Carvalho Monteiro

TV Mundo Maior e Rede Boa Nova de Rádio.

